

Coletânea de trabalhos em Educação.



Docência em ação

Luzinete da Silva Mussi
(organizadora)



Docência em ação

Organizadora:

Luzinete da Silva Mussi

Autores:

Bruna Corrêa Lino

Crislaine Barbosa de Miranda

Daniella Jesus Fialho de Arruda

Débora Lara Martins de Oliveira

Francielly Martins de Souza Costa

Francismare Regina Barbosa

Gislaine Favin de Souza

Gizelma Lisboa Alves

Jaqueline Priscila dos Santos

Juvelina Batista de Souza Cruz

Katia Regina de Paula Leite

Lais Tuliana Martins da Hungria

Léo Ricardo Mussi

Lúcio Mussi Júnior

Luzinete da Silva Mussi

Marcia Regina Rocha

Maria Pereira Silva

Marielle da Silva Martinez

Priscylla Cristina Santos da Silva

Regiani Pinafi Carvalho

Telma Negris Araujo

Thalita Lopes dos Reis Arruda



Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa do autor (art. 184 do Código Penal e Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Editoração / Capa: Instituto Saber

Organizadora: MUSSI, Luzinete da Silva.

Autores: ALVES, Gizelma Lisboa; ARAUJO, Telma Negris; ARRUDA, Daniella Jesus Fialho de; ARRUDA, Thalita Lopes dos Reis; BARBOSA, Francismare Regina; CARVALHO, Regiani Pinafi; COSTA, Francielly Martins de Souza; CRUZ, Juvelina Batista de Souza; HUNGRIA, Lais Tuliana Martins da; LEITE, Katia Regina de Paula; LINO, Bruna Corrêa; MARTINEZ, Marielle da Silva; MIRANDA, Crislaine Barbosa de; MUSSI, Léo Ricardo; MUSSI, Lúcio Júnior; MUSSI, Luzinete da Silva; OLIVEIRA, Débora Lara Martins de; ROCHA, Marcia Regina; SANTOS, Jaqueline Priscila dos; SILVA, Maria Pereira; SILVA, Priscylla Cristina Santos da; SOUZA, Gislaine Favin de.

Docência em ação. Organizadora: Luzinete da Silva Mussi. 1 ed. – Sinop-MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, 2022.

100 p.

ISBN 978-65-87333-21-2

1.Educação. I. Título.

CDD – 370

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais:
isciweb.com.br/livros



– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica
Digital Multidisciplinar: isciweb.com.br/revista



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior



Sumário

CAPÍTULO I - A ADEQUAÇÃO DE ALUNOS SURDOS-MUDOS AO ENSINO REGULAR EM INSTITUIÇÕES NÃO ESPECIAIS (Léo Ricardo Mussi; Marcia Regina Rocha)	7
CAPÍTULO II: A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE INSERÇÃO DO SABER NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL (Débora Lara Martins de Oliveira; Jaqueline Priscila dos Santos; Juvelina Batista de Souza Cruz; Priscylla Cristina Santos da Silva; Thalita Lopes dos Reis Arruda).....	15
CAPÍTULO III - A REALIDADE DO PROTAGONISMO INFANTIL (Katia Regina de Paula Leite; Maria Pereira Silva; Francismare Regina Barbosa)	32
CAPÍTULO IV - LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM FACILITADOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM 5 ANOS (Crislaine Barbosa de Miranda; Bruna Corrêa Lino; Daniella Jesus Fialho de Arruda; Regiani Pinafi Carvalho; Marielle da Silva Martinez)	38
CAPÍTULO V - O LETRAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL À FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO (Luzinete da Silva Mussi).....	59
CAPÍTULO VI - PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF NA EDUCAÇÃO INFANTIL (Francielly Martins de Souza Costa; Gislaine Favin de Souza; Gizelma Lisboa Alves; Lais Tuliana Martins da Hungria; Telma Negris Araujo) 75	
CAPÍTULO VII - TRABALHANDO COM A DINÂMICA ‘VIDA 360’ PARA ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS (Lúcio Mussi Júnior)....	85

**CAPÍTULO I - A ADEQUAÇÃO DE ALUNOS SURDOS-MUDOS AO
ENSINO REGULAR EM INSTITUIÇÕES NÃO ESPECIAIS (LÉO
RICARDO MUSSI; MARCIA REGINA ROCHA)**

A ADEQUAÇÃO DE ALUNOS SURDOS-MUDOS AO ENSINO REGULAR EM INSTITUIÇÕES NÃO ESPECIAIS

Léo Ricardo Mussi¹

Marcia Regina Rocha²

1. INTRODUÇÃO

Em uma sociedade que enxerga (acertadamente) cada vez mais valor nos processos de inclusão, é fácil entender a importância a conquista de se ter em salas de aula regulares a matrícula de alunos surdos, devendo ser essencialmente um processo mais vantajoso aos próprios alunos. Embora, infelizmente, não seja sempre assim.

Este projeto busca analisar a situação atual de alunos surdos matriculados no ensino regular, no entanto, abordar a educação de alunos surdos nos leva a caminhar muito fortemente no campo da inclusão escolar.

Por isso, ao longo desse trabalho, serão analisados não somente os dispositivos legais que protegem a educação inclusiva, mas principalmente sua vivência prática. As reais dificuldades dos alunos surdos, o que ajuda ou atrapalha em suas aprendizagens, bem como quais seriam as adaptações necessárias nas escolas e em seus colaboradores de forma geral e quais suas dificuldades em realizá-las.

Estuda-se também o papel do professor em sala, bem como o papel do intérprete, e porque estes não devem ser confundidos entre si. Ademais, apontam-se propostas e processos de treinamento direcionados à escola e a seus profissionais, a fim de reduzir as barreiras de comunicação e aprimorar o processo educacional dos alunos.

¹ Advogado e Psicanalista. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e em Psicologia Clínica. Mestrando em Educação E-mail: leoricardobr@gmail.com

² Mestranda em Educação.

2. DESENVOLVIMENTO

O presente estudo de caso objetiva acompanhar e debater o desenvolvimento e a adaptação de alunos surdos no ensino regular, analisando o caso concreto, as dificuldades apresentadas, os benefícios e prejuízos que podem ser tidos como resposta pelo estudante.

Para tanto, tomou-se como estudo uma sala de ensino médio regular, que conta com alunos surdos, e estudando-se suas características e determinando suas particularidades de escolarização e ensino.

Na coleta de dados e elaboração do projeto, fez-se uso majoritário de entrevistas e observação, além de intensa pesquisa bibliográfica, afim de alcançar uma maior compreensão da situação apresentada e debatida,

Pode-se observar historicamente que o caminho percorrido pela comunidade brasileira de surdos, muito se assemelha com o caminho já percorrido pelas mesmas comunidades em outros países, em especial europeus e também na América do Norte. Até o século XVIII era comum que as famílias os confinassem em ambientes domésticos ou os abandonassem à própria sorte.

Isso partia majoritariamente da falta de conhecimento da época, que trazia no senso comum a ideia de que tudo o que seria diferente seria algo “anormal” no pior dos sentidos, devendo assim ser afastado da normalidade da vida social, bem como dos sistemas de ensino regular.

Dessa maneira, ao passar do século XIX estes grupos passaram a ser sistematizados, e a ser-lhes oferecida uma educação majoritariamente normalizadora e assistencialista, em instituições específicas e separatistas, os colocando mais ainda à margem da educação, sem nenhuma preocupação com a inclusão. Através desse período, surdos que estudassem em instituições regulares não possuíam nenhum suporte extra nem tampouco atendimento diferenciado.

A partir da década de 90, no Brasil, em especial pelo advento da nova Constituição Federal de 1988 (muito mais humanitária, moderna e inclusiva) que as políticas de inclusão passaram a ser revistas e readequadas partindo de

novas perspectivas majoritárias, onde instituições regulares deveriam compreender, respeitar e se adequar as especificidades das pessoas surdas, visando aprimorar e facilitar sua inclusão em meio a educação e a sociedade.

As atuais leis educacionais que pautam esse assunto trazem justamente como base a referida Constituição Federal de 88, ainda reafirmada pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos de 1990, que traz em seu conteúdo a novas definições e abordagens acerca da aprendizagem, da dignidade e da inclusão.

A partir disso, nota-se ser de majoritária importância a inclusão de alunos surdos no ambiente educacional convencional, bem como a essencialidade do preparo e formação dos grupos profissionais que trabalharão com estes alunos, a fim de alcançar uma adequada inclusão escolar.

É essencial também compreender a real situação do aluno, o que pode ser feito através de práticas pedagógicas aplicadas pelos profissionais capacitados, para compreender não somente as questões inerentes ao aluno, mas também as dificuldades que a própria escola terá para lhe garantir um atendimento adequado e correto.

Torna interessante observar também que atualmente vem evoluindo as questões legais que objetivam abraçar as necessidades desse grupo educacional, facilitando seu acesso ao ensino regular, como por exemplo a Lei nº 10.436/02 e o Decreto nº 5.626/05 que garantem ao surdo um acesso ao ensino em LIBRAS.

A inclusão deve garantir não apenas o ingresso do aluno no sistema de ensino, mas sim principalmente sua permanência neste, igualando as oportunidades e reduzindo o máximo possível as evasões através de um ensino de qualidade.

Para DORZIAT são essenciais três critérios para a educação inclusiva, sendo estas a interação por meio da língua de sinais, a relação entre o conteúdo e a cultura surda e a valorização dos conteúdos escolares.

É preciso que, em um caráter humano, o professor tenha habilidades para superar preconceitos e lidar com as diferenças, além de se mostrar adaptável e pronto para lidar adequadamente com eventos novos ou diferentes que ocorram durante sua regência. Seria altamente adequado que o professor

tivesse domínio da linguagem de sinais, a fim de se comunicar de forma mais direcionada com estes grupos de alunos.

A escola pode abraçar resultados muito mais próximos do ideal se conseguir oferecer, mesmo em salas comuns, professores que sejam efetivamente capacitados a oferecer os referidos atendimentos direcionados às necessidades dos alunos surdos, bem como, se for o caso de um intérprete direcionado ao aluno, principalmente nos casos em que os professores não detêm o domínio da língua.

Também pode (e deve) ser feito bom uso das salas de apoio, salas de recurso, atendimentos domiciliares e todos os outros meios de acompanhamento aos quais a escola dispuser e que possam ter valia no andamento do desenvolvimento acadêmico e educacional do aluno.

Deve também o próprio poder público, com base na Lei nº 10.098/00 tomar adequadas providências para sanar possíveis barreiras de comunicação, garantindo o acesso dos surdos à educação e informação, mesmo que para isso seja necessária a formação de intérpretes.

No entanto, infelizmente é facilmente observável, conforme ressaltaram SOUZA e GÓES que o processo de inclusão vem sendo prejudicado ao ter seu acompanhamento por profissionais que, embora muitas vezes bem-intencionados, não se sentem preparados para tal, por principalmente não conhecerem a língua de sinais, dificultando significativamente suas interações com os alunos surdos.

Devemos lembrar que não é o aluno que deve adaptar-se à escola, e sim esta que deve se alterar e adaptar a fim de atender as particularidades de cada aluno. Para LORENZETTI, a realidade se diverge do que seria correto. Em sua maioria os professores têm uma grande dificuldade em lidar com alunos surdos, oriunda da falta de conhecimento. Por vezes os professores apontam as defasagens educacionais de alunos surdos como sendo decorrentes exclusivamente de suas deficiências, o que não se demonstra uma afirmativa correta, e mostra o quanto se faz necessária a formação dos professores através de cursos, debates, seminários, etc.

Foi notado, conforme BORGES ressalta, que os próprios alunos, ao relatar suas vivências e experiências, apontam como dificuldade o obstáculo da comunicação com os professores e colegas.

Estes mesmos alunos sugerem as medidas necessárias para que se sanem essas adversidades, a se listar, a divulgação da língua de sinais (LIBRAS) e a necessidade de intérpretes, além de serem necessárias metodologias diferenciadas de estudo que levem tais diferenças em conta.

Falando acerca do intérprete, este tem como foco servir como uma espécie de tradutor preciso, encontrando função de intermediar e possibilitar a comunicação entre o aluno surdo e outras pessoas que não detenham conhecimento em LIBRAS.

Devemos lembrar que a função do intérprete é meramente comunicativa. A ele não cabe a responsabilidade de “ensinar” o aluno. E sim a de intermediar a comunicação entre este e o professor, que por sua vez é o responsável pelo ensino. A simples presença do intérprete, como salienta LACERDA, não garante a aprendizagem do aluno e sim a comunicação deste com seus pares.

Não se pode também desconsiderar ou minimizar o imenso impacto da importância desse profissional da vida acadêmica de alunos surdos, visto que ele é responsável por ser a “ponte” que permite a comunicação e o entendimento entre os alunos surdos e qualquer outro não falante de LIBRAS, como seus professores ou colegas. Deve-se lembrar que essa comunicação é de suma importância para o processo de aprendizagem de qualquer aluno, e seu acesso não deve ser de maneira alguma dificultado.

Dessa maneira, recomenda-se como processo de treinamento aos profissionais da escola, e até mesmo aos demais alunos, se possível for, o ensino de fundamentos da linguagem de sinais, com a maior quantidade de aprofundamento que for possível.

Uma aprendizagem ao menos básica da língua de sinais, tanto por parte dos professores como por parte dos outros alunos, pode ajudar de forma imensamente significativa na comunicação com o aluno surdo, rompendo parte da barreira comunicativa tão limitante no quesito aprendizagem.

Essa formação pode ser aplicada em finais de semana aos professores em forma de qualificações e capacitações, melhorando suas habilidades

conforme se perdurarem os treinamentos. Da mesma maneira, pode-se inserir na grade educacional o ensino de libras (mesmo que gradativo) aos alunos. Não sendo possível a inserção na grade, pode-se trabalhar a linguagem de sinais em turnos opostos, na condição de horas extracurriculares aos alunos, podendo assim ser feito um trabalho até mesmo mais intensivo, gerando-se um nível de aprendizagem elevado.

Ademais, o professor deve ser orientado a ajudar os alunos a encontrar a solução para os problemas ao invés de entregá-los prontos por mera praticidade; procurar falar de frente para o aluno surdo quando estiver falando com ele, sem gritar, já que isso nada muda na compreensão; adequar seu material expositivo, como por exemplo se certificar de que vídeos apresentados em sala possuam legenda adequada; e procurar inserir no máximo possível a família no contexto do processo educacional.

É inegável o quanto a comunicação é essencial ao trabalhar-se com alunos surdos, e como esse é o principal empecilho em seus processos educacionais. Criar e viabilizar ferramentas e projetos para reduzir essa dificuldade de comunicação e melhorar o entendimento através da linguagem é a ação divisora de águas no que tange aos processos educacionais para surdos.

3. CONCLUSÃO

Por muitas vezes, podemos observar que o professor tem visões muito superficiais de como funcionaria o processo educacional de alunos surdos, e por vezes subestima a importância de uma adequada comunicação ente aluno-professor, prejudicando a aprendizagem.

É preciso esforço por parte principalmente das escolas e dos docentes para não se deixarem levar apenas por moldes pré-determinados, nem por rótulos e preconceitos que por muitas vezes permeiam os processos de inclusão, para que possam efetivamente compreender suas necessidades educacionais, sejam relacionadas à linguagem ou às próprias técnicas de aprendizagem.

Os treinamentos, capacitações e formações continuadas, são basicamente as mais importantes formas de se auxiliar profissionais da escola, em especial (mas não somente) os professores, que possuem uma influência tão substancial no processo formativo destes alunos. É por meio desses treinamentos, do esforço destes profissionais e da aplicação de políticas públicas e adaptações nos processos educacionais, que poderá se evoluir no caminho pela inclusão e melhora do processo de ensino e aprendizagem para alunos surdos.

4. REFERÊNCIAS

BORGES, A. R. A inclusão de alunos surdos na escola regular. Revista Espaço. Rio de Janeiro, v. 21, p. 63-68, 2004.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed.

_____. Lei Nº 10.098, de 23 de março de 1994. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida.

DORZIAT, A. Educação de surdos no ensino regular: inclusão ou segregação. Revista do Centro de Educação, v.24, p.1-7, 2004.

LORENZETTI, M. L. A inclusão do aluno surdo no ensino regular: a voz das professoras. Revista Espaço Rio de Janeiro, v. 18/19, p. 63-69, 2002/2003.

SOUZA, R. M.; GÓES, M. C. R. O ensino para surdos na escola inclusiva: considerações sobre o excludente contexto da inclusão. In SKLIAR, C. (Org.). Atualidade da educação bilíngue para surdos 1. ed. Porto Alegre: Mediação, v. 1, 1999. p. 163-188.

UNESCO. Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. Jomtien, Tailândia: UNESCO, 1990. UNESCO.

CAPÍTULO II: A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE INSERÇÃO DO SABER NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL (DÉBORA LARA MARTINS DE OLIVEIRA; JAQUELINE PRISCILA DOS SANTOS; JUVELINA BATISTA DE SOUZA CRUZ; PRISCYLLA CRISTINA SANTOS DA SILVA; THALITA LOPES DOS REIS ARRUDA)

A LITERATURA COMO INSTRUMENTO DE INSERÇÃO DO SABER NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Débora Lara Martins de Oliveira

Jaqueline Priscila dos Santos

Juvelina Batista de Souza Cruz

Priscylla Cristina Santos da Silva

Thalita Lopes dos Reis Arruda

RESUMO

O presente artigo é resultado da pesquisa realizada no final do curso de Especialização em Educação Infantil, como tema “A Literatura no contexto da Educação Infantil” e tem como objetivo analisar a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento social, cognitivo e afetivo das crianças; problematizar a concepção do professor de como trabalhar a Literatura Infantil e investigar as concepções de Literatura Infantil presentes no Brasil a partir do século XX. Para tanto, o trabalho está dividido em dois momentos e para sua composição foram pesquisadas fontes bibliográficas em que se destaca Cunha (1997) Coelho (1986), Abramovich (1993), Góes (1990), Pinto (2004), Martins (1983), Souza (1992) e Zillarman (1984). Contempla literatura infantil brasileira no século XXI e nela são destacados os principais contextos históricos vividos pela sociedade da época e os principais autores e livros que fizeram parte da construção da educação neste século. Já a segunda parte ressalta que este artigo tem como destaque, as atividades, as metodologias para ser trabalho com literatura para as crianças ainda não alfabetizadas juntamente com a prática de algumas professoras de uma determinada escola. Para finalizar, é destacada a relevância que as histórias infantis têm no momento da aquisição da escrita, uma vez que as crianças da Educação Infantil estão se preparando para entrar no mundo da escrita (na educação infantil) e por isso acredita-se que este trabalho seja de fundamental importância, pois enfatiza a Literatura Infantil no percurso do estudante desde seus dois anos de idade, uma vez que não há necessidade de esperar pela alfabetização formal para que as crianças se envolvam com a leitura de histórias infantis e a produção de textos.

Palavras-Chave: Inserção da alfabetização. Literatura infantil. Imaginação

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi elaborado com duas finalidades: preencher os pré-requisitos necessários para a conclusão do curso de Pós-graduação, em Educação Infantil como também consolidar os saberes em torno da prática

pedagógica na educação infantil, sendo o caminho para compreender o processo de ensino-aprendizagem de crianças da educação infantil.

A escolha do tema foi definida por ser um fator perturbador na sociedade Brasileira, em que possamos afirmar a falta de hábitos de leituras e um fator negativo para a população brasileira e especificamente os alunos, uma prática que poucos gostam de fazer. Sendo a leitura é fundamental para o desenvolvimento integral do indivíduo como parte da aprendizagem e desenvolvimento em sua totalidade.

Podendo ser uma tentativa de ampliar os recursos a serem utilizados pelo aluno em interação com o meio, a escola adota vários procedimentos embora nem sempre esse objetivo seja alcançado. Hoje, convivemos com uma realidade escolar onde grande parte dos alunos alcança a 1ª etapa do Ensino Fundamental sem desenvolver a competência de interpretação de textos.

Os objetivos propostos pelo neste trabalho são: Conscientizar a equipe de professores que a escola deve ajustar em sua proposta pedagógica com intuito de buscar alternativas para ajudar os alunos a desenvolverem suas capacidades e auxiliá-los nas suas adequações às diversidades culturais que são expostas em seu universo sociocultural, potencializando o desenvolvimento de todas as capacidades do aluno, tornando o ensino mais digno e humano e analisar o jogo e a brincadeira como proposta pedagógica para o processo de desenvolvimento do conhecimento; Conhecer a importância dos jogos e as brincadeiras, para o desenvolvimento mental, social, emocional e cognitivo da criança; Refletir sobre a aprendizagem.

Diante dessa constatação, surgem as problemáticas que pairam sobre as responsabilidades dos educadores: Como desenvolver nos alunos a habilidade de interpretar textos? “Qual é o olhar que dos professores de educação infantil com relação ao fenômeno da inserção da leitura?” Por que nossos alunos não têm hábitos da leitura? O que devemos fazer enquanto formadores de seres politizados para mudar esse quadro lastimável da nossa sociedade?

Sendo os conteúdos serão desenvolvidos através de trabalho pedagógico voltado para interdisciplinaridade: Movimento. Expressividade, Equilíbrio e coordenação. Artes visuais. Fazer artístico, Apreciação em artes

visuais. Linguagem oral e escrita. Falar e escutar, Práticas de leitura, Práticas de escrita.

Embora o artigo esteja sendo elaborada através de pesquisa bibliográfica, em que as análises de artigos e livros darão o norte para compreender a importância da leitura na vida do ser humano. Acreditamos que nessa investigação é importante considerar as práticas de leitura e de escrita como elementos significativos para ampliar a nossa compreensão sobre o objeto de pesquisa proposto. A prática da leitura se faz presente em todos os níveis educacionais desde o período da alfabetização. A escola concebe o livro didático como instrumento básico, como um complemento primeiro às funções pedagógicas exercidas pelo professor.

É por essa razão a pesquisa é colocado no centro da vivência professor – aluno, despontando como mediador dessa relação e veículo para instigar discussões, reflexões ou novas práticas. Percebemos que a escola dá um enfoque especial nas atividades de leitura; essa tendência a trabalhar a leitura como uma “ação mecanizada”, descontextualizada de seu real sentido, compromete a construção de sentido e significado do texto para os (as) alunos (as).

DESENVOLVIMENTO

Uma vez que a metodologia usada para desenvolver o artigo será na busca de adicionar constantemente atividades em que o aluno estará constantemente com texto, em que fazer análise do mesmo será uma prática diária. Então o artigo será avaliação da seguinte forma: continuada, observando o desenvolvimento da criatividade e produção da escrita dos alunos. Registro, os debates e opiniões a cada atividade e em grupo.

Cunha defende que,

A ideia de que a leitura vai fazer um bem à criança ou ao jovem levamos a obrigá-los a ler, como lhes impomos à colher de remédio, à injeção, à escova de dentes, à escola. Assim, é comum o menino sentir-se coagido, tendo de submeter-se a uma avaliação, e sendo punido se não cumprir as regras do jogo que ele não definiu, nem

entendeu. É a tortura sutil e sem mar “observáveis a olho nu”, de que não nos damos conta (CUNHA, 1997, p. 51).

Para a autora, a prática da leitura vem sendo tratada, quase sempre, com um caráter utilitarista, pouco ou nada contribuindo com a formação de alunos leitores. O ato de ler e interpretar são um processo abrangente e completo, é um processo de compreensão, de entender o mundo a partir de uma característica particular: a capacidade de interação com o outro através das palavras, que por sua vez estão sempre submetidas a um contexto.

Para embasarmos nosso pensamento usamos Souza (1992, p. 22) que afirma:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

Vimos por meio de essa citação afirmar a importância da leitura, as crianças enquanto sujeitos formadores dos seus saberes devem estar em constante contato com o mundo das letras, pois tendo convívio constante com a leitura é que vão criar gosto pela mesma. Buscamos nesta pesquisa criar um clima de descontração com hora do conto através da representação das histórias, assim as crianças sentem que ler pode ser prazeroso e divertido, tentamos excluir aquela imagem de que a leitura é algo maçante e simplesmente obrigatório.

A literatura infantil pode influenciar na formação da criança, que passa a conhecer o mundo em que vive e a compreendê-lo. Assim como destaca GOES (1990, p. 16) “A leitura para a criança não é, como às vezes se ouve, meio de evasão ou apenas compensação. É um modo de representação do real. Através de um “fingimento”, o leitor reage, reavalia, experimenta as próprias emoções e reações.” Ao contemplarmos esta afirmativa vemos como a leitura e a sua utilização pode promover condições de aprendizagem e relaxamento, buscando um aprendizado fluente.

Também Coelho (2000, p.141) explica que,

[...] a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina [...] e consciente de que uma das mais

fecundas fontes para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que o eu pode conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver.

A hora do conto encanta as crianças fixando sua atenção e instigando sua imaginação. Ao buscarmos a leitura como apoio pedagógico, procuramos alcançar nas crianças um nível de conexão com a realidade e conseqüentemente com sua aprendizagem.

As histórias infantis oportunizam atividades que objetivam a interdisciplinaridade na alfabetização tornando esta menos cansativa e repetitiva para as crianças. Ao trazermos o mundo da imaginação dos contos para a realidade das crianças conseguimos abordar algumas temáticas que puderam ser trabalhadas dentro dos objetivos da educação infantil.

Oportunizamos para as crianças histórias que abordaram o preconceito, os valores os sentimentos a individualidade, a fé a negligencia e por fim a alimentação. Dentro dessas abordagens conseguimos trabalhar a escrita, a interpretação a criatividade, entre outros aspectos fundamentais que o processo de alfabetização contempla.

Durante todo o processo conseguimos observar que as crianças conseguiram transformar o mundo das fantasias das histórias em situações reais, as quais ocorrem em seu dia a dia, onde exemplificaram por inúmeras vezes estas passagens e obtiveram o entendimento de que forma agir e como se posicionar diante desses fatos. Em um aspecto geral todos os objetivos que nós propusemos aos alunos foram alcançados, pois os aspectos de leitura e escrita foram contemplados de uma forma lúdica e coerente.

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual.

Visualizarmos desta forma quão enriquecedora é a literatura para a construção cognitiva dos alunos. Foram realizados trabalhos de leitura com a hora do conto, foi ofertado as crianças histórias, atrativas e ricas em conhecimento, nas quais, foram realizadas diversas atividades. Oportunizar para as crianças o mundo das histórias, é oportunizar uma facilitação para a alfabetização futuramente, pois com as histórias as crianças já têm a familiaridade do mundo das letras e a vontade de decifrá-las, para Zilberman, (1984, p. 107):

As pessoas aprendem a ler antes de serem alfabetizadas, desde pequenos, somos conduzidos a entender um mundo que se transmite por meio de letras e imagens. O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com um enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica.

Ainda em relação a literatura temos também ABRAMOVICH (1993, pg. 16) que ressalta:

"[...] Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo[...]"

Podemos, assim, começar a compreender a importância da Literatura Infantil no desenvolvimento cognitivo das crianças. Utilizou-se o apoio literário para desenvolver o lado afetivo dos alunos, tanto a afetividade entre professor aluno, quanto em relação aos colegas entre si.

Buscamos pesquisar o valor do carinho, da atenção e do amor existente em sala de aula, segundo Freire, não existe educação sem amor. "Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais" (FREIRE, 1983, pg. 29), isto reforça o quanto é necessário o laço afetivo para que haja uma produção cognitiva e uma relação interpessoal na turma.

Segundo Marchand, (1985, p.19).

[...] na prática pedagógica, podem surgir entre professor e aluno, sentimentos de atração ou de repulsão. Essas atitudes sentimentais têm o poder de influenciar a metodologia com risco de alterá-la, provocando no aluno, rudes transformações afetivas mais ou menos desfavoráveis ao ensino. O poder do professor é maior que o do livro,

e a qualidade do diálogo estabelecido entre professor e aluno é importante para uni-los, criando um laço especial, ou para separá-los, criando obstáculos intransponíveis.

E foi buscando este laço afetivo que foi realizado este trabalho, tendo em vista que a clientela devido a idade necessita de uma maior ligação afetiva, tanto com os professores como com os colegas.

Uma criança é capaz de interpretar uma história é capaz de codificar símbolos e significados ligados aos fatos do seu cotidiano, e a afetividade faz parte destes signos, uma vez que o cognitivo e o afetivo estão interligados, como nos afirma Pinto (2004, p. 109).

[...] acredita-se que as duas estruturas (afetividade e cognição) funcionem psicologicamente de maneira dinâmica e construtiva, como peças conjuntas de um processo único no funcionamento psicológico, sendo assim de pouco valor dividi-las em fragmentos dissociados entre si. Em cada experiência, o ser humano é cognitivo afetivo ao mesmo tempo, estando em proporções variáveis 'mais' afetivo ou 'mais' cognitivo, ou quem sabe ambas as duas somadas. Ou seja, sendo inseparáveis.

Com isso podemos afirmar o funcionamento parceiro entre esses dois processos mentais, e no que diz respeito a nossa pesquisa, ao se desenvolver um momento de leitura, onde as crianças possam participar ativamente, suas codificações acabam por transformar seus sentimentos em soluções ou simples entendimento de mundo.

Para Teodoro (1995, p. 23):

... o cidadão é como uma planta que, desde a forma de semente, precisa ser cuidada para que cresça forte e bonita. Assim é a leitura. Para se fazer leitores é necessário cultivar os atos de ler e entender. Desde o trabalhador que precisa ler manuais relativos as suas atividades até o advogado que necessita de decifrar os textos legais, passando pelo estudante nos exames, pelo cidadão diante das urnas, pela dona de casa que enfrenta a educação da família e pelo executivo que trabalha com sua papelada, a leitura se faz importante.

Abramovic (1995) acrescenta que:

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos De qualquer idade) são, sobretudo experiências de olhar... (...) E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais. (ABRAMOVIC, 1995, p. 10)

Para Peruzzo:

Todos os membros de uma sociedade, com maior ou menor grau de civilização, precisam dominar a escrita e utilizar várias formas de leitura e interpretação de livros, jornais, revistas, relatórios, documentos, textos, resumos, tabelas, formulários, cartas e uma imensidão de outros escritos, mas esses são leitores por obrigação ou por necessidade. (PERUZZO, s.d., p.1)

Cagliari (1994) explica a leitura como sendo uma atividade essencialmente ligada à escrita, e, da mesma forma que existem diversos tipos de escrita, também há os tipos correspondentes de leitura. Freire (1998) acrescenta a ideia de que a leitura não apresenta fronteiras e compreende todo o processo de ensino/aprendizagem, sendo o princípio iniciado no instante do nascimento do indivíduo.

Peruzzo (s.d.) acrescenta o seguinte:

O hábito da leitura não está, necessariamente, ligado ao poder aquisitivo do cidadão, mas sim, como as pessoas tratam a leitura, individualmente, ou nas famílias, e também como ela é oferecida nas escolas. necessidade, não possuem curiosidade e não têm iniciativa e estímulo para conhecê-los. A escola é um espaço bastante amplo ao incentivo à leitura. Apesar do baixo prestígio à leitura, principalmente da escola pública, pela pouca disponibilidade de meios e recursos, ela ainda continua sendo um dos principais meios de formar leitores críticos, contando, atualmente, em muitas localidades, com o apoio solidário de colaboradores individuais e da comunidade. (PERUZZO, s.d., p.2)

A autora acima também afirma ser a literatura infantil responsável desembocar o exercício da compreensão, sendo, deste modo, um ponto de partida e preparação para os outros estilos textuais, haja vista que, com o decorrer do tempo, as crianças começam a sentir necessidade de uma variação com relação aos temas de leitura, já que ela se mostra como a forma mais sistematizada para a elaboração da fantasia, passando a apresentar níveis mais elevados de cultura. Neste ponto, estimula a capacidade de escolha, bem como a crítica relativa aos textos.

Assim, para a conquista de uma situação de constante desenvolvimento da cultura de leitura, é preciso o fortalecimento de uma conscientização da importância desta prática para a vida, bem como para a adequada formação de uma sociedade. Neste sentido entende-se que não pode haver nação desenvolvida se que esta seja uma nação de leitores, conforme afirmado por Monteiro Lobato, um dos mais importantes escritores infantis de nosso país.

No entanto, adquirir o hábito da leitura não se mostra como uma tarefa simples para todos. Existem indivíduos que apresentam resistência para atingir o desenvolvimento pleno de leitura consciente e verdadeira. Assim, sendo a leitura um instrumento capaz de levar à transformação da cultura alienante, despertando a cidadania, se apresenta como prática indispensável ao indivíduo. Silva, 1995, acrescenta que: "...o ato de ler é uma necessidade concreta para aquisição de significados e conseqüentemente, de experiências nas sociedades onde a escrita se faz presente".

Com relação a essa importância social da leitura, Peruzzo afirma o seguinte:

A leitura crítica e não mecanizada leva o leitor à verdadeira ação cultural. Essa leitura é feita por meio de um conjunto de exigências com o qual o leitor se defronta, trata-se de uma determinada complexidade de atos da consciência que são acionados durante o encontro do leitor com tornar possível a aprendizagem desta atividade. Para facilitar a entrada da criança no mundo da leitura e da escrita, o adulto deve ler para ela. (PERUZZO, s.d., p.3)

Corroborando, Abramovich (1997, p. 23) afirma que:

... que o escutar pode ser o início da aprendizagem para se tornar leitor. Ouvir muitas e muitas histórias é importante para se integrar num mundo de descobertas e de compreensão do mundo. Ouvindo histórias pode-se também sentir emoções importantes, como a raiva, a tristeza, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade. Enfim, ouvir narrativas é uma provocação para mergulhar profundamente em sentimentos, memórias e imaginações. As histórias podem fazer a criança ver o que antes não via, sentir o que não sentia e criar o que antes não criava. O mundo pode se tornar outro, como mais significados e mais compreensões.

Peruzzo (s.d., p. 4 e 5), complementa:

É de responsabilidade do leitor adulto, mostrar à criança como os escritos que circulam no cotidiano podem ser utilizados a fim de que a mesma compreenda seus sentidos. A criança só é capaz de compartilhar deste mundo quando compreende o seu significado. Esse descobrimento a faz descobrir a diferença entre a fala e a escrita, ambos necessários a aprendizagem inicial da leitura. Diante de toda a complexidade do desenvolvimento da leitura e da escrita, algumas estratégias de incentivo devem ser adotadas pela sociedade em prol da evolução da aprendizagem das nossas crianças, e além de ser um problema governamental no quesito de investimento de fundos para educação e valorização dos educadores, e também de um alto incentivo familiar, a escola ainda continua a ser o melhor local para se formar leitores.

É importante observar se a escola tem mesmo incentivado as crianças à leitura e à escrita, de forma correta e prazerosa, ou tem vivenciado essas habilidades ainda como forma de punição às diversas situações comportamentais ocorridas em sala de aula, ou ainda, simplesmente usam a leitura e escrita para cumprir com os conteúdos já propostos, sem dar aberturas para que as crianças conheçam situações significativas nas quais possam se aperfeiçoarem e sentirem prazer em ler e escrever.

Corroborando a esta ideia, Moraes (1991), afirma que: “É nesse sentido que o espaço concretiza a história do grupo na medida em que ele agiliza muitas formas de conhecimento refletido”.

Cavalcanti complementa:

Ler sempre representou uma das ligações mais significativas do ser humano com o mundo. Lendo reflete-se e presentifica-se na história. O homem, permanentemente, realizou uma leitura do mundo. Em paredes de cavernas ou em de aparelhos computação, lá está ele reproduzindo seu “estar no mundo” e reconhecendo-se capaz de representação. Certamente, ler é engajamento existencial. Quando dizemos ler, nos referimos a todas as formas de leitura. Lendo, nos tornamos mais humanos e sensíveis. (CAVALCANTI, 2002, p. 13)

Contudo, Perozzo (s.d., p.5) explica:

Para que a escola venha contribuir na formação de pessoas ativas, faz-se necessário que seja aplicada uma pedagogia que valorize a formação humana, propondo às crianças situações de aprendizagem nas quais elas possam se envolver de forma dinâmica e prazerosa. O educador deve procurar estratégias para promover uma aprendizagem que se encontre intimamente à tomada de consciência da situação atual real vivida pelo educando, proporcionando-lhes momentos de sistematização e associação, fazendo com que os recursos utilizados pelos alunos sejam próprios de suas vivências, dessa forma, a leitura e a escrita, que anteriormente, não lhes faziam sentido, passam a ter significado.

Freire (1983), acrescenta que: “... é fundamental partir de que o homem é um ser de relações e não só de contatos, que está com o mundo e não apenas no mundo”.

Para Cavalcanti:

Dizer que a literatura é catarse, ou elemento de purificação apenas, é reduzi- lá a conceitos demais limitados. A literatura é uma grande metáfora da vida do homem. Sendo assim, é sempre surpreendentemente, uma maneira nova de se apreender a existência e instituir novos universos. (CAVALCANTI, 2002, p. 12)

Complementando, Perozzo afirma seguinte:

Aprender e ensinar novos universos, eis o desafio ao educador. Para atender às novas exigências da sociedade, é necessário pensar em uma nova postura profissional para que o acesso à leitura e escrita tornem-se algo efetivo e eficaz, pois mesmo com a presença maciça e diversificada de leitura e escrita nas atividades que se realizam nas escolas, vivemos às voltas com altos índices de analfabetismo funcional, evasão e repetência escolar. (PERUZZO, s.d., p.6)

Freire (1979) acrescenta que:

... nos lembra que para ocorrer uma mudança de postura é necessário que haja compromisso em querer mudar. Não se pode permitir que a neutralidade continue permeando diante às situações que são impostas, perpetuando comportamentos manipuláveis pelo sistema educacional que castra qualquer possibilidade de desenvolvimento reflexivo, sendo o homem sujeito de sua educação e não objeto dela.

Wajskop acrescenta:

A criança está imersa, desde o nascimento, em um contexto social que a identifica enquanto ser histórico e que pode por esta ser modificado é importante superar as teses biológicas e etológicas da brincadeira que idealizam a criança e suas possibilidades educacionais. (WAJSKOP, 1995, p. 25).

Para Peruzzo:

Toda a aprendizagem e o processo sistemático da aquisição da aprendizagem do ser humano se dão socialmente, com as interações que estabelece com o outro e os significados que isso lhe faz sentir. Portanto, a recuperação ou o nascimento do ato da leitura nas escolas será possível se o educador demonstra boa relação com os textos. Se o educador não for um bom leitor e o aluno não perceber o prazer na leitura por parte desse adulto, serão grandes as chances de ele ser um mau professor, refletindo nos pequenos leitores. (PERUZZO, s.d., p.6)

Nota-se ainda, por meio de Lobato (1981), que através da literatura os aspectos “da alma de um povo” são fixados e fortalecidos. Deste modo, mostra-se indispensável que poder público estimule o hábito de ler, equipando as bibliotecas com materiais a leitura, vastos e de qualidade, bem como reconhecendo o trabalho docente de forma mais adequada.

É preciso ler, é preciso ler...
E se, em vez de exigir a leitura, o professor decidisse partilhar sua própria felicidade de ler?
A felicidade de ler? O que é isso, felicidade de ler?
(PENNAC, 1998, p. 21)

Peruzzo acrescenta o seguinte:

Outro ponto a ser valorizado na escola é a forma como a literatura é apresentada à criança. É importante que a escola dinamize e explore a literatura infantil. Quando o professor demonstra prazer em determinadas atividades, desperta também esse sentimento em seus alunos que o observam o tempo todo. O movimentar-se do professor é tão importante e valioso no sentido de exemplo quanto às palavras que dirige aos ouvidos do grupo de crianças que se inclinam para ouvi-lo. (PERUZZO, s.d., p.7)

Silva (1995) desta a responsabilidade da instituição de ensino na formação de leitores:

... a promoção da leitura nas escolas é de responsabilidade de todo corpo docente e não apenas de alguns professores específicos que receberam a responsabilidade de incentivar a leitura. O escritor enfatiza que não se supera uma dificuldade com ações isoladas. (SILVA, 1995, p. 53)

Assim, evidencia-se que a construção de uma sociedade de leitores é algo que deve ir além do desejo, chegando à prática enfática da valorização e estímulo à leitura em todas as idades da vida humana.

Neste sentido, Abramovich (2004), convida a uma profunda reflexão por meio do trecho abaixo:

Como falar mais de encantamento da história, das emoções sentidas e vividas pelos personagens, das sofrências e alegrias, dos sufocos e deslumbrâncias, se eu deixei passar batido tudo isso em mim? Como fazer a criança ou o jovem lerem se eu leio tão pouco? (ABRAMOVICH, 2004, p. 61)

Assim, Peruzzo acrescenta:

Quando o adulto mostra prazer em determinadas atividades, a tendência infantil é de solicitar que lhe deixe espaço para também executar tal tarefa juntamente com a presença do adulto. É nesse sentido que o profissional da educação, demonstrando que ler é “gostoso”, transfere esse sentimento à criança, que por ser sabido que a leitura é um hábito adquirido dentro de um processo sistemático, o ato de ler funde-se com o cotidiano escolar e extraescolar da criança, levando-a a construir-se com o hábito da leitura. (PERUZZO, s.d., p.7 e 8)

Neste sentido, segundo Renato Ortiz (1994), a escola deve sim ofertar uma diversidade de atividades didáticas a seus alunos, promovendo o aprendizado do conteúdo curricular das várias disciplinas estudadas, mas é imprescindível um trabalho fortalecido e valorizado em Literatura, de modo a promover a leitura e estimular o desenvolvimento do hábito de ler.

À esta ideia, acrescenta-se que:

Entendemos que o texto literário é constituído por uma grande metáfora, porque nos parece que o sentido metafórico é aquele que remete sempre ao sentido anterior, portanto ao significante, então, apreendemos a escritura como algo que gera possibilidades; assim um texto é sempre outro texto e o sujeito que lê torna-se capaz de viver uma vida simbólica mais rica, fazendo da realidade concreta um palco para vivências significantes. (CAVALCANTI, 2002, p. 25)

Referindo-se também ao hábito de leitura, Peruzzo (s.d.) afirma o seguinte:

Constata-se que o ato de ler é um instrumento de grande valia de conscientização e libertação, indispensável à emancipação do homem. Porém, em geral, a leitura não faz parte do cotidiano da grande maioria das pessoas e que não é uma tarefa, nem menos um hábito presente na vida dos cidadãos, infelizmente, desde o gari ao profissional da educação. Os estudantes, por sua vez, leem por obrigação das tarefas escolares obrigatórias, obtendo-se um número muito restrito dos que leem por prazer ou hábito. (...) A maioria das pessoas não vê e nem considera a leitura um instrumento de afirmação e de defesa da liberdade individual, de participação na sociedade, de inserção em determinados grupos e de ver e perceber as diversas formas e as intencionalidades que os fatos sociopolíticos são apresentados nas diversas mídias. É possível que o conscientizar-se só ocorra ou pode ocorrer num processo mais veloz com o contato que é feito com a literatura. (PERUZZO, s.d., p.8)

Rossini destaca a possibilidade de mudanças de comportamento promovidas pelo ato de ler:

Para educarmos um ser humano, convém saber o que queremos que ele se torne. É necessário indagar para que vivem os homens, ou seja, qual é a finalidade da vida e como ela deve ser. Nós, pais e educadores, devemos estar atentos às mudanças sociais questionando sobre a natureza do mundo e os limites saber e fazer. (ROSSINI, 2008, p. 8)

Peruzzo complementa com o seguinte:

Verdadeiros leitores não são apenas decodificadores de signos, reconhecedores de códigos, mas muito, além disso, são entendedores do significado dos signos e dos códigos registrados nos livros e nas mais diversas mídias. O leitor consegue procurar na leitura as respostas àquilo que deseja, como por exemplo, desde satisfação e prazer às respostas de inquietações cotidianas. Para materializar a formação de leitores é necessária motivação, tendo como uma das bases o constante ouvir histórias literárias e posteriormente, associadas ao ato do ler. Outro fator indispensável é a convivência com livros diversos, contendo diversificadas informações, despertando os mais variados interesses dos futuros leitores. Os livros devem ser materiais comuns na vida da criança,

onde a literatura é familiarizada como os tantos outros hábitos adquiridos desde a mais tenra idade. (PERUZZO, s.d., p.9

Rossini (2008) destaca alguns pontos a serem respeitados na escolha da leitura a ser ofertada às crianças:

... é importante respeitar a faixa etária do leitor e propor temas adequados a idade e aos seus interesses. Também o ambiente da sala de aula influencia para estimular o interesse sobre o tema por meio da utilização de materiais diversos, como fotos, painéis, objetos e amostras. Os materiais concretos são importantes à criança pequena, pois esta ainda está estabelecendo a construção do concreto para o abstrato, despertando no aluno o interesse de conhecer o mundo, tornando-o participativo, libertando-o de alienações, emergindo do egocentrismo infantil e imergindo no altruísmo jovem. (ROSSINI, 2008, p. 73)

Contudo, é preciso entender ainda que interesses pelos diversos estilos de leituras modificam-se de acordo com o desenvolvimento do leitor e as experiências por ele vivenciadas, tanto no âmbito da leitura, como também em sua vivência cotidiana. O importante então, é o ato de buscar na literatura os assuntos que permeiam seu desejo de conhecimento, entretenimento e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste estudo as pesquisadoras aprenderam muito sobre a temática em questão e espera poder despertar o gosto pela leitura tanto por alunos quanto por professores, cuja pesquisa temos muitos educadores que não tem esse hábito. Portanto se faz importante apresentar aos alunos diversos gêneros textuais, envolvendo os conhecimentos prévios (os contos de fadas), e, além disso, terão, ao longo do ano, o contato com as leituras a serem feitas.

As leituras mediadas pelo professor, oportunizará a participação do aluno nas discussões. Espera-se, envolver todos os alunos e despertar o gosto e o prazer pela leitura, bem como contribuir na formação de leitores autônomos e competentes.

É importante desenvolver nas escolas projetos voltados para a leitura. Para tanto, precisamos de professores comprometidos com o trabalho e que

estejam dispostos a envolverem-se de tal maneira a quebrar barreiras para a realização de um trabalho inovador.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fani. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1995.

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez. 1995.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura infantil: teoria e prática. São Paulo: Ática, 1986.

CAVALCANTI, Joana. Caminhos da literatura infantil e juvenil: dinâmicas e vivências na ação. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, N. N. Literatura infantil: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta A. Literatura infantil: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Literatura Infantil Teoria e Prática. São Paulo: Ática, 1997.

FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 1979

GÓES, Lucia Pimentel. A aventura da Literatura para crianças. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

MARTIN. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

PERUZZO, Adreana. A importância da literatura infantil na formação de leitores. S.d. Disponível em:
http://filologia.org.br/xv_cnlf/tex_completos/a_importancia_da_literatura_infantil_na_ADREANA.pdf

PINTO, F. E. M. Por detrás dos seus olhos: a afetividade na organização do raciocínio humano Dissertação (Mestrado em Educação) – FE/Unicamp, Campinas, 2004.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Pedagogia Afetiva. Editora Vozes. São Paulo: 2008.

SOUZA, Renata Junqueira de. Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam. Bauru: USC, 1992.

ZILBERMAN, Regina, Literatura Infantil: Livro, Leitura, Leitor. In. A produção cultural para a criança. São Paulo: Mercado Aberto, 1984.

**CAPÍTULO III - A REALIDADE DO PROTAGONISMO INFANTIL (KATIA
REGINA DE PAULA LEITE; MARIA PEREIRA SILVA; FRANCISMARE
REGINA BARBOSA)**

A REALIDADE DO PROTAGONISMO INFANTIL

Katia Regina de Paula Leite

Maria Pereira Silva

Francismare Regina Barbosa

INTRODUÇÃO

Iniciamos este trabalho abordando a necessidade de entendermos o protagonismo infantil, seus possíveis significados, níveis de exercício e as perspectivas que promovem ou restringem as suas possibilidades. O que vem a ser protagonismo infantil? Existem diferenças entre protagonismo e participação? Considerando-se as práticas sociais associadas à infância, sua institucionalização, separação do mundo adulto, será possível promover a participação real das crianças? Que nível de participação é possível? Estas são questões que nortearam a elaboração deste trabalho. O lugar que a criança ocupa hoje, na história e nos quotidianos, não foi sempre o mesmo, nem mesmo é igual para todas as crianças, em todas as situações, num mesmo tempo. A compreensão das formas como atualmente as vemos implica uma “viagem” às histórias que sobre elas se fizeram, para percebermos como se tornaram objeto de atenções particulares, de políticas públicas e de proteção.

DESENVOLVIMENTO

Apesar da polêmica em relação ao emprego dos termos participação e protagonismo, parece haver duas vantagens óbvias quanto à utilização preferencial da palavra participação. A primeira se refere à facilidade do emprego do vocábulo por crianças, uma vez que, em uma primeira análise, a palavra participação é um termo de uso corrente na língua portuguesa. Silva (2011) descreve estes dois princípios da seguinte forma:

A criança é protagonista ativa de seu próprio crescimento: é ela dotada de extraordinária capacidade de aprendizagem e de mudança, de múltiplos recursos afetivos, relacionais, sensoriais, intelectuais, que se explicitam numa troca incessante com o contexto cultural e social. (p. 24). A participação: é um valor e uma estratégia que gera e alimenta sentimentos, uma cultura de solidariedade, de responsabilidade e de inclusão; produz trocas e uma nova cultura. (p. 25)

A segunda vantagem se refere a maior facilidade para explicar o que é participação (com o significado de protagonizar) para as crianças, no contexto de programas ou campanhas que visem promover o seu envolvimento nos processos decisórios para transformações sociais. Shier (2001) argumenta que a produção acadêmica sobre o assunto tomou um grande impulso a partir dos anos 1990 e que a participação infantil e seus desdobramentos teóricos vêm ganhando espaço nas práticas de sua promoção entre a população infantil ao redor do mundo. Em seus estudos, Hart afirma que não existem sociedades que ofereçam o tempo todo, a máxima oportunidade de participação para as crianças. Esta constatação não parece muito surpreendente, tendo em vista que é virtualmente impossível, considerando-se que o sistema político que serve de contexto, A participação infantil relaciona-se intimamente com as posições que as crianças ocupam e o reconhecimento que obtêm na sociedade mais vasta, particularmente em esferas públicas de atuação, a capacidade de tomar parte em processos de tomada de decisão, e de ter uma opinião em assuntos que importam exige uma visão mais vasta dos sentidos da sua participação. Ao analisar experiências de participação das crianças numa escola pública – ainda que limitados a um espaço de “micro participação”, como é o da sala de aula – diferentes entendimentos podem retirar-se. Em primeiro lugar, a ideia de que a infância não é uma ideia unitária, tal com sugeriram já Christensen (2009), Wyness (2007), Sarmiento (2008), entre outros: as crianças escolhem diferentes formas para participar, os graus dessa participação, os temas que acreditam serem importantes – mesmo considerando que possam ser privados – ou simplesmente escolhem estar presentes, sem participar diretamente na tomada de decisão. De qualquer modo, torna-se difícil mapear uma base comum para as experiências de participação das crianças uma vez que varia em intensidade, impacto e mesmo

em níveis de envolvimento nos processos de tomada de decisão. No entanto, parece ser possível sugerir-se que, mesmo quando as crianças encontram dificuldades em tomar uma decisão ou quando sofrem desilusão no processo, numa determinada decisão que possa ser vista como injusta, a importância de terem mecanismos e estratégias que lhes permitam ter as vozes ouvidas, permanece como particularmente importante. Não se trata, assim, de ter todas as crianças, em todos os momentos de participação e a todo o momento; antes, trata-se de encontrar instrumentos que com diferentes estratégias correspondam às expectativas e desejos das crianças. Em segundo lugar, sugere, tal como Cockburn (2008) havia já defendido que talvez tenhamos de criar diferentes espaços que não repliquem, necessariamente, modelos existentes. Para algumas crianças, estar perante grandes grupos causa vergonha e provoca relutância em participar. Para outros, formar uma opinião e tomar decisões torna-se um processo difícil, pela necessidade que sentem em assegurar-se de terem tomado uma “boa decisão”.

Os estudos feitos nas escolas de Réggio Emília, e com Lóris Malaguzzi nos deixou claro que uma escola que trabalha, buscando a participação tem um maior envolvimento das crianças em suas aulas. Para o êxito de um trabalho em sintonia com o contexto cultural e social em que a comunidade escolar está inserida, que leve em consideração o que vem das crianças e o que está chamando a atenção do próprio professor, é necessário considerar as crianças como competentes e ativas. Elas são capazes de levantar problemáticas interessantes de ser estudado, o que significa percebê-las como protagonistas. O professor deve, por sua vez, está sempre atento, apropriando-se de um escutar/ver que possa permitir a captação dos sinais que demonstram os interesses dos grupos de crianças. Ele tem que se envolver com as crianças na investigação de suas curiosidades, para então possibilitar a participação, não só da criança, mas também da família e da comunidade em geral.

Por isso, o protagonismo, definitivamente, não é só uma proposta conceitual, senão que possui de modo inerente um caráter político, social, cultural, ético, espiritual, que, portanto, reclama uma pedagogia e convida a

repropor o “status social” da infância e do adulto, de seus papéis na sociedade local e no conceito dos povos.

A participação é um dos eixos fundamentais para promover o protagonismo da infância. Desde o paradigma do protagonismo infantil, fala-se na participação que reconhece a infância em sua capacidade e possibilidade de perceber, interpretar, analisar, questionar, propor e agir em seu ambiente social, comunitário e familiar. A criança deve ser vista como única e singular, e como um sujeito ativo que tem possibilidade de ir mais além, nas mais diferentes linguagens.

O professor deve ter um planejamento que envolve as próprias crianças no desenrolar do trabalho de sala de aula, dando sentido e sistematizando as aprendizagens destas, por meio da valorização de suas manifestações e interesses. Porém, para que isto ocorra, os professores precisam estar atentos ao que está sendo manifestado à sua volta, fazendo constantes intervenções, dialogando e construindo vínculos, para que o trabalho possa avançar e ter maior significado tanto para o grupo, quanto para ele próprio. Neste sentido, o planejamento é organizado por projetos, isto é, por ações que orientam os gestos e o olhar da criança (GALLARDINI, 1996).

CONCLUSÃO

Diante dos textos, e teóricos acima citados que aqui embasaram este trabalho, cheguei à conclusão que a prática do protagonismo é algo a ser estudado cada vez mais pelos docentes atuantes. O professor precisa seguir mais as crianças, tentando encontrar formas de intercambiar os seus interesses, buscando apoio nas famílias para tornar mais significativo o planejamento, não só para si mesmo, mas também para os demais envolvidos no processo de aprendizagem das crianças. Além disso, podemos perceber que o envolvimento das crianças e de suas famílias, acompanhadas pelo respeito e reconhecimento de suas potencialidades, permitirão que nova possibilidade de planejamento seja despertada nos professores, trazendo as

cem linguagens do professor à tona, juntamente com as cem linguagens das crianças.

Fica evidente ainda que o entrosamento das crianças com suas próprias aprendizagens, bem como, o de suas famílias, serão maiores nas aulas das professoras que encarar com seriedade o que as crianças trazer, fazer e falar.

REFERÊNCIAS

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender – São Paulo: paz e Terra, 2012.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, Ideias e Filosofia Básica. IN: EDWARDS, Carolyn (org.). As Cem Linguagens da Criança: A abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância/Carolyn Edwards, Lella Gandini, George Forman; tradução Dayse Batista. – Porto Alegre: Artmed, 1999. 320 p.

LIMA, Lauro de Oliveira. Piaget: sugestões aos educadores. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. (Org.) Cor, som e movimento. In: Música é... Cantar, dançar... E brincar! Ah, tocar também! Porto Alegre: Mediação, 2002.

GALARDINI, Annalia; GIOVANNINI, Donatella. Pistóia: Elaborando um sistema dinâmico e aberto para atender às necessidades das crianças, das famílias e da comunidade. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella. Bambini: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 117-131.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: fundamentos e métodos. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.

OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). Encontros e encantamentos na educação infantil. São Paulo: Papirus, 2003.

PESSOA, Fernando. O livro do desassossego. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1914. PIAGET, J. A psicologia da criança. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SALLES, Fátima; FARIA Vitória. Currículo na educação Infantil: diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica. 2. ed. São Paulo: Ática, 2012. SESC. Proposta pedagógica da educação infantil do SESC. Departamento Nacional, Rio de Janeiro, 2001.

TEBEROSKY, Ana & CARDOSO, Beatriz. Reflexões sobre o Ensino da leitura e da escrita. Rio de Janeiro, Vozes, 1993.

CAPÍTULO IV - LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM FACILITADOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM 5 ANOS (CRISLAINE BARBOSA DE MIRANDA; BRUNA CORRÊA LINO; DANIELLA JESUS FIALHO DE ARRUDA; REGIANI PINAFI CARVALHO; MARIELLE DA SILVA MARTINEZ)

LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM FACILITADOR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS COM 5 ANOS

Crislaine Barbosa de Miranda

Bruna Corrêa Lino

Daniella Jesus Fialho de Arruda

Regiani Pinafi Carvalho

Marielle da Silva Martinez

RESUMO

Este estudo tem como objetivo identificar a importância de desenvolver atividades lúdicas, com as crianças da Educação Infantil, mostrando assim que estas atividades têm uma grande importância no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança, visando articular a teoria e a prática vivenciada durante a realização da Prática Docente em uma escola municipal de Educação Infantil. A pesquisa busca evidenciar e analisar as teorias pedagógicas existentes sobre a Ludicidade na Educação Infantil, visando compreendê-las de maneira a solidificar a prática educativa, tendo como ponto de partida a nossa prática docente na escola. A metodologia adotada é de pesquisa bibliográfica caráter reflexivo acerca dos estudos e trabalhos de especialistas que abordam a questão do lúdico na Educação Infantil e pesquisa participativa qualitativa durante a prática docente, desenvolvendo atividades lúdicas como: brincadeiras, jogos e leituras de contos. Com as pesquisas e os estudos sobre o assunto verificamos que através dos jogos, brincadeiras e das histórias as crianças adquirem novos conhecimentos que lhes darão suporte no seu desenvolvimento cognitivo. As atividades lúdicas facilitam a aprendizagem das crianças, e cabe salientar que as crianças gostam de participar de atividades que lhes proporcionem alegria, descontração e satisfação.

Palavras-chave: Educação infantil, Ludicidade, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O lúdico é um assunto que é muito abordado na da Educação Infantil, visto que as crianças precisam ter contato com as brincadeiras, jogos, brinquedos e com histórias infantis como (fábulas e contos), por eles estarem presentes na sua infância, permitido assim um trabalho pedagógico que possibilite a aprendizagem.

O interesse pelo tema surgiu durante a graduação no curso de Pedagogia na disciplina de Ludicidade que apontou para a importância do lúdico no desenvolvimento cognitivo, psicomotor e socioafetivo na infância.

Os jogos e brincadeiras têm um grande valor educativo no modo de ensinar a criança a observar o meio em que se vive.

Kishimoto (1998, pg.68) menciona que Froebel postula a brincadeira como ação metafórica, livre e espontânea da criança. Aponta, no brincar, características como atividade representativa, prazer, autodeterminação, valorização do processo de brincar, seriedade do brincar, expressão de necessidades e tendências internas.

As brincadeiras fazem parte da vida das crianças, toda criança gosta de brincar de casinha, carrinhos, jogar bola, entre outras brincadeiras, o prazer de participar dessas brincadeiras é imitar a vida dos adultos, representando papéis de seus familiares e de pessoas que estão ao seu redor.

As atividades lúdicas contribuem no envolvimento das crianças nas diversas atividades escolares, pois as brincadeiras e as histórias infantis levam as crianças a refletir e a descobrir o mundo que as cercam. É importante utilizar as brincadeiras e os jogos no processo educacional, assim, os conteúdos são ensinados por meio das atividades lúdicas. A escola precisa propor atividades que despertem o interesse e experiência sociais das crianças.

A ludicidade é a manifestação da espontaneidade das crianças, é por meio de atividades lúdicas que as crianças falam e demonstram seus gestos de expressar de forma prazerosa e livre, revelando, mas significado em seu aprendizado.

Este trabalho aponta para a importância de desenvolver atividades lúdicas, com as crianças da Educação Infantil, mostrando assim que estas atividades têm uma suma importância no desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança.

O presente estudo se estrutura inicialmente, com base em autores que abordam o assunto, com a intenção de desenvolver uma análise mais abrangente a respeito da temática, em seguida aborda algumas práticas pedagógicas realizadas com atividades lúdicas fazendo uma relação de teoria e prática, neste capítulo descrevo algumas atividades realizadas com crianças

de 5 anos de uma turma de Educação Infantil, o último capítulo relata como a ludicidade pode ser um facilitador no processo de ensino e aprendizado, contando como as atividades lúdicas se tornou uma ferramenta indispensável nesse período de prática docente.

1. AS TEORIAS LÚDICAS

O lúdico é um assunto que vem sendo estudado e discutido a muito tempo, por filósofos e estudiosos e tem conquistado espaço nas salas de aulas principalmente na educação infantil até mesmo pela preocupação cada vez maior em proporcionar uma metodologia que garanta um resultado eficaz na educação. As brincadeiras e os jogos são essenciais para as crianças, tornando assim um mediador entre o prazer e o aprendizado. Permitindo de tal modo um trabalho pedagógico que possibilite a produção do conhecimento de forma contextualizada.

A ludicidade e a educação difundiram-se sobretudo a partir do movimento da Escola Nova e da adoção dos "métodos ativos". Desenvolver atividades lúdicas na escola não é uma discussão recente, Comenius em 1632, já sugeria a prática de jogos, devido ao seu valor formativo. “É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utiliza sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre seu eu” (WINNICOTT, 1975, p.80).

As brincadeiras são um dos primeiros contatos que as crianças têm em vivenciar o mundo, pois é uma atividade que possibilita a criança realizar descobertas sobre si mesmas e sobre o mundo que as cercam. A criança necessita desse momento de liberdade para manusear os seus brinquedos, para que tenham oportunidade de vivenciar e despertar a curiosidade de descobrir as formas e a qualidade de tudo que existe, há relação entre o brincar e o aprender, está vinculado à evolução ao processo de desenvolvimento infantil.

É importante ressaltar que o brincar proporciona à criança a conquista do seu espaço, exercita a inteligência e permite a imaginação. Desta maneira a brincadeira torna-se fundamental para o desenvolvimento da criança.

Segundo Dantas (1998, p. 113), na concepção walloniana, infantil é sinônimo de lúdico, e toda atividade da criança é lúdica, no sentido de que se exerce por si mesma. Em outros termos, toda atividade emergente é lúdica, exerce-se por si mesma antes de poder integrar-se em um projeto de ação mais extenso que a subordine e transforme em meio.

O lúdico deve ser à base de toda atividade da Educação Infantil, pois através da motivação a criança da origem ao processo de aprendizagens importantes, de maneira espontânea em trabalhar fazendo relação da fantasia e do real.

O lúdico significa a construção criativa da vida enquanto ela é vivida. É um fazer o caminho enquanto se caminha; nem se espera que ele esteja pronto, nem se considera que ele ficou pronto; neste caminho criativo foi feito (está sendo feito) com a vida no seu ir e vir, no seu avançar e recuar. “O lúdico é a vida se construindo no seu movimento. (LUCKESI, 1994, p.115)

A brincadeira do faz de conta proporciona a criança um momento de imaginação, neste momento a criança enriquece a sua identidade, experimentando outras formas de se pensar, representando papéis de seus familiares ou de pessoas próximas. Quando a criança brinca, imitando outras pessoas, recriam situações que a ajudam a satisfazer a suas necessidades de conhecer e explorar o novo.

Toda brincadeira tem regra, até mesmo o faz-de-conta possui regras que são criadas pelas crianças. Uma criança que brinca de ser mamãe e o outro de ser papai assume comportamentos e posturas pré-estabelecidas pelo seu conhecimento de figura materna e paterna, assim construindo representações que a criança registra, pensa e vê o mundo através do faz-de-conta, a criança assimila a realidade que vivencia no seu cotidiano e a transforma em brincadeiras.

O ato de brincar pode possibilitar as crianças de cinco anos uma forma de obter conhecimentos que redefina a elaboração do pensamento individual e

coletivo. Cabe ao professor atender a demanda da turma, mas respeitando a individualidade de cada um.

O profissional da Educação Infantil tem que compreender e conhecer o jeito particular das crianças serem, pois, a Educação Infantil tem o desafio de trabalhar com as diferenças, as semelhanças e as individualidades de cada criança, promovendo a interação, o desenvolvimento e a aprendizagem.

A importância do uso dos jogos na Educação Infantil está ligada no convívio social, pois possibilitam as crianças um trabalho em grupo, permitindo que as crianças superem em parte o seu egocentrismo natural.

Jogo supõe relação social, interação. Por isso, a participação em jogos e brincadeiras contribui para a formação de atitudes sociais, respeito mútuo, solidariedade, iniciativa pessoal e grupal. É jogando e brincando que a criança aprende o valor do grupo como força integradora e o sentido de competição e da colaboração consciente e espontânea. (RIZZI e HAYDT, 1987, p.15).

Além dos jogos e brincadeiras proporcionarem prazer e diversão, representa também um desafio para as crianças, ajudando a elas desenvolverem o seu pensamento reflexivo, despertando o interesse da criança em aprender algo novo.

Segundo Kishimoto (1999, p.83) independente de época, cultura e classe social, os jogos e os brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem num mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos, onde realidade e faz de conta se confundem.

O professor pode promover aulas mais atrativas valorizando e aproveitando a essência que as crianças transmitem por meio das atividades lúdicas, com jogos, brinquedos e brincadeiras, deste modo, terá uma ferramenta indispensável no seu trabalho, pois os jogos e as brincadeiras possibilitam a criança desenvolver suas habilidades operatórias que envolvem a observação à comparação.

O brincar tem um significado muito grande tanto para a criança quanto para um adulto, as atividades lúdicas permitem a relação entre as diferentes culturas e diferentes idades. A brincadeira é uma atividade livre, espontânea da criança que possibilita o desenvolvimento físico e cognitivo, os brinquedos auxiliam essas atividades infantis.

É, portanto, função do professor considerar, como ponto de partida para sua ação educativa, os conhecimentos que as crianças possuem, advindos das mais variadas experiências sociais, afetivas e cognitivas a que estão expostas. (BRASIL, 1998, p.33)

Segundo Rojas (2007, p.57) as experiências lúdicas possibilitam ao educador mediar, conhecer e compreender melhor o desenvolvimento da criança. É uma maneira de acesso às definições e experiências mais profundamente recalcadas da criança, o que ajuda no desempenho do professor no sentido de reorientar as ações pedagógicas em favor de um desenvolvimento cada vez, mas saudável.

A brincadeira é saudável, brincar facilita o crescimento e, portanto, a saúde, o brincar conduz aos relacionamentos grupais, é uma forma de comunicação consigo mesmo e com os outros. É no brincar que a criança pode ser criativa e utilizar sua personalidade integral, descobrindo o seu “eu”. Acima de tudo, o brincar motiva e é, por isso, que proporciona clima especial para a aprendizagem. (ROJAS, 2007, p.58).

O brincar nas atividades educativas ocupa um lugar muito importante no processo de ensino e aprendizagem, pois faz com que as crianças interajam por meio das experiências lúdicas.

A ideia de liberdade e as de ficção e fantasia mantêm grandes afinidades. Na história que inventa, assim como no jogo simbólico, a criança desfruta da liberdade máxima. Ela pode ser o que quiser criar a realidade que bem lhe aprouver. A onipotência ficcional é o maior atrativo para inventar histórias. (KISHIMOTO, 1998, p.115)

O brincar possibilita a criança construir um mundo do faz de conta sem perder o sentido da realidade, simbolizando momentos vividos, explorando o desconhecido e aprendendo o novo.

Na roda, na ciranda, no parque, na casinha de boneca, nos filmes e nas histórias, a metáfora vive, realiza e revela novas formas de brincar, reinventa outros significados no jogar, no correr, no pular amarelinha, no brinquedo de casinha que a criança transcende o “eu”, o ser, o estar e o sentir no embalo do prazer de brincar. Esse desvelamento do lúdico, como processo metafórico, permite-nos nova forma de interpretação das brincadeiras infantis. Interpretar no sentido de uma compreensão, de uma revelação de algo oculto, de um fenômeno. Da aparição e desvelamento de intenções que permeiam o pensar infantil. Interpretar no sentido de ler nas entrelinhas das expressões, falas, gestos, imagens, sucessões simbólicas que nos permitem olhar o universo da infância. (ROJAS, 2007, p. 33)

Huizinga (1980, apud, Rojas, 2007, p.45), evidencia a linguagem primeira da criança, como fonte de toda expressividade inicial do desenvolvimento humano, ampliando, no entanto, o caráter lúdico da cultura, ao atribuir significativo valor às diversas linguagens lúdicas, próprias da civilização. É o princípio de todas as linguagens, um momento de fantasia e significação em que o homem tem a oportunidade de interpretar o mundo, a partir de sua fala, jogando com as palavras, para dar sentido ao seu pensar.

Rojas (2007, p.58) chama a atenção para a valorização das práticas lúdicas na sala de aula como linguagem da criança na comunicação com o mundo que a cerca. Tal valorização do brincar deve ser como a cultura da criança, que, como qualquer outra, possui a sua própria.

Wallon (1968, apud Andrade, 2007, p 26), acrescenta que o jogo é, antes de tudo, lazer que pode exigir esforço, no entanto pode ser compreendido como uma atividade sem fim.

Winnicott (1985, apud Andrade, 2007, p 26), acredita que o jogo pode ser compreendido como um espaço do imaginário, aberto para as primeiras experiências voltadas ao exercício da criança em achar um, lugar a partir de onde possa operar o mundo.

A brincadeira é prazerosa, divertida. Mesmo quando não for acompanhada de sinais de alegria, ela ainda é avaliada positivamente pelos envolvidos.

A brincadeira é espontânea e voluntária. Ela não é obrigatória, mas escolhida livremente pelos participantes.

A brincadeira requer algum envolvimento ativo dos participantes. (GARKOY, 1990, p.4 -5 apud KISHIMOTO, 1999, p.56)

Quando as crianças brincam ou jogam, elas se sentem, mas motivadas, a superar obstáculos tanto físico, cognitivo ou emocional. As brincadeiras proporcionam ao olhar infantil um pensamento cada vez mais tranquilo, beneficiando o aprendizado da criança ao longo do seu desenvolvimento. Deste modo leva-se em consideração que as crianças desenvolvem suas potencialidades, quando interagem, vencendo dificuldades, resolvendo situações problemas, tomando decisões nas situações de conflitos.

Deste modo, a brincadeira se configura como uma atividade social e cultural da criança é um ato que condiciona o infantil ao mundo real através de uma experiência antecipada dos fatos do seu dia a dia.

Desta maneira compreendemos que as brincadeiras devem ser entendidas como estratégias motivacionais no processo de aprendizagem, apresentando assim uma prática educativa com as crianças em que estas precisam desenvolver atividades que articulem as brincadeiras, as histórias, a fantasia, os jogos, com as propostas educativas.

2. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS ENVOLVENDO ATIVIDADES LÚDICAS

A Educação Infantil precisa trabalhar com a criança, tomando como ponto de partida o seu conhecimento prévio e considerando a suas características e individualidades. Neste sentido a Educação Infantil deve promover o desenvolvimento das crianças, para tanto é necessário considerar os seus conhecimentos prévios, pois elas devem vivenciar o seu mundo, explorando, respeitando e reconstruindo.

[...] educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural". (BRASIL, 1998, p.23)

Para Teixeira (1995, p. 23), existem várias razões que levam os professores a recorrerem às atividades lúdicas e a utilizá-las como um recurso no processo de ensino-aprendizagem, para o autor as atividades lúdicas corresponde ao impulso natural da criança, mobiliza os esquemas mentais que estimulam o pensamento das crianças.

[...] Assim sendo, vê-se que a atividade lúdica se assemelha à atividade artística, como um elemento integrador dos vários aspectos da personalidade. O ser que brinca e joga, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve. (TEIXEIRA, 1995, p.23)

As brincadeiras fazem parte da vida das crianças, muitas vezes se confundem a realidade com o faz de conta, imaginando e inventando situações, as crianças independentes de classe social têm o seu momento de brincar mesmo que seja alguns minutos, mas sempre arrumam um jeito, mesmo

aquelas de classes menos favorecidas brincam, se não tem brinquedos elas mesmas os constrói com algum material que tem ao seu alcance, mas também tem aquelas brincadeiras que não precisam necessariamente de algum brinquedo, mas sim da imaginação da criatividade e da disposição das crianças e isso sabemos que elas tem de sobra.

[...] A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo – da vida natural interna no homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso externo e interno, paz com o mundo. [...]. A criança que brinca sempre, com determinação auto ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto sacrifício para a promoção do seu bem e de outros. [...] Como sempre, indicamos o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação. (FROEBEL, 1912, p.55 apud KISHIMOTO, 1998, p.68)

Para o autor a brincadeira é como ação metafórica, livre e espontânea da criança. Aponta no brincar, características representativas do prazer, da autodeterminação e da valorização do processo de brincar.

É importante refletir como agir nos espaços escolares, pois como profissionais da educação temos que trabalhar com uma prática pedagógica coerente com o desenvolvimento infantil, a ludicidade é uma importante ferramenta para que a escola se torne mais atrativa e a aprendizagem mais significativa para as crianças.

Na Prática Docente realizado em uma escola municipal de Educação Infantil, trabalhamos com crianças de 5 anos e tivemos a oportunidade de desenvolver algumas atividades lúdicas, observamos que as atividades lúdicas são muito importantes, pois é na Educação Infantil que as crianças começam a desenvolver suas habilidades, a imaginação, a comparar o real com o faz de conta.

O processo de ensino-aprendizado na escola deve ser construído, então, tomando como ponto de partida o nível de desenvolvimento real da criança [...] e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pela escola, supostamente adequados à faixa etária e ao nível de conhecimentos e habilidades de cada grupo de crianças. O percurso a ser seguido nesse processo estará balizado também pelas possibilidades das crianças, isto é, pelo seu nível de desenvolvimento potencial. [...] a escola tem o papel de fazer a criança avançar em sua compreensão do mundo a partir do seu

desenvolvimento já consolidado e tendo como meta etapas posteriores, ainda não alcançadas. (OLIVEIRA, 1995, p.62)

Através das brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, como: a atenção, a memória, a imaginação e a noção de regras.

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não-brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (BRASIL, 1998, p.27)

As brincadeiras despertam nas crianças a curiosidade de descobrir o novo, aprendendo a ter a sua própria opinião despertando assim o seu senso crítico. Quando as crianças brincam elas ultrapassam a realidade, transformando através da sua imaginação, imitando em suas brincadeiras situações que acontecem no seu dia a dia.

Em uma atividade de jogo, a criança não só tem a oportunidade de vivenciar as regras impostas e pré-estabelecidas, mas como também pode transformá-las, pois as crianças não aceitam as regras simplesmente, elas também gostam de participar da construção, cabe ao professor estabelecer e recriar algumas regras com as crianças, trabalhando assim a oralidade delas.

O jogo de Boliche foi um dos jogos que realizamos com as crianças, e acabou sendo um facilitador na aprendizagem, possibilitando as crianças à percepção de posições, direções, distâncias, tamanho, o jogo contribuiu para o desenvolvimento da estruturação espacial da criança, além das crianças terem o contato com a sequência numérica podendo assim estar trabalhando os numerais através da contagem de pinos, a distância, as cores, a reutilização confeccionando o boliche com garrafas pet, com o jogo conseguimos desenvolver atividades interdisciplinares, que contemplaram diversas áreas de conhecimento despertando a curiosidade e questionamentos dos alunos e o

professor precisa estar preparado para trabalhar com as diversas situações que podem surgir durante esse processo.

[...] a criança sente a necessidade das palavras e, ao fazer perguntas, tenta ativamente aprender os signos vinculados aos objetos. Ela parece ter descoberto a função simbólica das palavras. A fala, que na primeira fase era afetivo-conativa, agora passa para a fase intelectual. As linhas do desenvolvimento da fala e do pensamento se encontram. (Vygotsky, 1989, p. 38)

O jogo no cotidiano da educação infantil não somente oferecerá momentos prazerosos à criança, mas também será um poderoso aliado no processo de aprendizagem da criança. O professor deverá mediar às situações e criar atividades extrajogos para sistematizar o que foi aprendido, no caso do boliche montando com as crianças um gráfico com a pontuação.

É muito importante que a criança de cinco anos, nessa fase seja estimulada com jogos lúdicos que enriquecem os esquemas perceptivos em vários fatores (visuais, auditivos e sinestésicos), operativos (a memória, imaginação, lateralidade, representação, análise) psicomotoras. (coordenação fina) que define aspectos básicos que das condições para o domínio da leitura e escrita. (ALMEIDA, 2000, p.48)

Na medida em que se estimula o desenvolvimento da orientação temporal e espacial e da percepção das crianças, desenvolve também as habilidades que ajudam no processo de aprender noções matemáticas, além de estimular a coordenação e o equilíbrio.

Os jogos são essenciais na Educação Infantil por desenvolverem a autonomia e a sociabilidade dos pequenos. A atividade faz com que eles se relacionem uns com os outros e aprendem a esperar a vez e cumprir regras. [...] Com isso a turma desenvolve várias habilidades, como tomar decisões e exercitar a imaginação, com a vantagem de aprimorar a coordenação motora e a capacidade de transformar objetos. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2010, p. 82)

Outra atividade que desenvolvemos com as crianças foi desenhar no chão da sala de aula uma linha e simular que estávamos passando por cima de uma ponte, e para não cairmos teríamos que nos equilibrar, quando as crianças começaram a andar na linha, percebi que elas não tinham muito equilíbrio, mal começavam a andar e já saíam da linha demonstrando ter pouca coordenação e equilíbrio, como as crianças são persistentes e tudo se torna uma grande brincadeira, retornavam no início da linha e já começavam a dizer que agora

conseguiriam atravessar a ponte. Muitas crianças ajudavam os outros colegas a se equilibrar incentivando ou segurando na sua mão para não sair da linha.

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998, p.29)

A brincadeira “andar de trem” as crianças andavam segurando nos ombros dos seus colegas imitando o som do trem, enquanto tocava a música, o trem caminhava pela sala inteira e sempre ocorria algum imprevisto como ter que passar numa ponte, e de repente a ponte quebra, motivando as crianças a resolverem situações problemas, questionando como o trem iria passar na ponte quebrada, assim estimulando a linguagem oral das crianças, contribuindo para a socialização das crianças com os demais colegas enquanto estão brincando.

A brincadeira cria para as crianças uma “zona de desenvolvimento proximal” que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz. (VYGOTSKY, 1984, p.97)

As brincadeiras de “vivo e morto”, “estatua” e “dança da cadeira”, possibilitou o trabalho com a percepção e a concentração das crianças, em ficar parado, sentado ou em pé, as crianças no começo ficavam envolvidas com a música e esqueciam de realizar o comando, mas em seguida já ficavam atentas para os comandos a serem dados, pois não queriam ficar de fora da brincadeira.

Nas situações de aprendizagem o problema adquire um sentido importante quando as crianças buscam soluções e discutem-nas com as outras crianças. Não se trata de situações que permitam “aplicar” o que já se sabe, mas sim daquelas que possibilitam produzir novos conhecimentos a partir dos que já se tem e em interação com novos desafios. Neste processo, o professor deve reconhecer as diferentes soluções, socializando os resultados encontrados. (BRASIL, 1998, p.33-35)

E não podendo esquecer a brincadeira de roda, que representa uma importante situação de aprendizagem, que desperta a sensibilidade e a criatividade da criança, e que contribui muito para o momento de lazer, quando se brinca de ciranda com as crianças, e incentivamos elas a ficar de mãos dadas, estamos fazendo uma ponte da afetividade, da amizade e da parceria, está brincadeira as crianças gostavam de realizar, sempre no recreio alguns grupos se reuniam para brincar de roda.

O brincar elemento importante, mediante o qual se aprende, sendo sujeito ativo desta aprendizagem que tem, nesse lúdico, efeitos de sentido prazerosos. No mundo lúdico, a criança encontra equilíbrio entre o real e o imaginário, alimenta sua vida interior, descobre o sentido de ser no mundo. (ROJAS, 2007, p.40)

Quando se fala em lúdico não podemos esquecer de falar sobre as histórias infantis, esse mundo de magia que revela muitos medos, desejos, aventuras, afeto, amor, amizade, e sempre tem finais felizes. As histórias infantis favorecem o desenvolvimento da imaginação das crianças.

Segundo Carvalho, (2010, p.25) a contação de histórias é importante no mundo da criança. Contar histórias para as crianças é oferecer a ela um leque aberto de ofertas do mundo.

Os contos de fadas fazem fluir o imaginário das crianças despertando a curiosidade, que logo é respondida no decorrer dos contos. As histórias possibilitam as crianças descobrir um universo de magia, aventuras, conflitos que os personagens enfrentam ao decorrer de cada história.

Durante a prática docente tínhamos um projeto cujo tema era os Contos de Fadas, e todos os dias realizávamos leituras de histórias infantis, contos de fadas e fábulas, a leitura dos contos de fadas é uma atividade prazerosa tanto para o professor quanto para o aluno, pois apresenta uma grande aceitação entre as crianças, que despertam interesse, envolvimento e participação. As histórias possibilitam ao professor trabalhar com conteúdo que estão inseridos no currículo.

Assim, as histórias e os contos também podem desempenhar papel importante numa educação de infância que prima por seguir uma prática intercultural e interdisciplinar, à medida que permitam que a criança se identifique com múltiplos personagens que interagem em diversos contextos. Personalidades e valores, manifestando

diferentes comportamentos, possibilitando que desta maneira a criança jogue o jogo da vida, conhecendo o outro e outros mundos, movimentando-se em seu campo infantil. (ROJAS, 2007, p.50)

Quando as histórias vão sendo contadas, as crianças se identificam com os personagens e transferem todos os seus conflitos para aqueles contados na história. A criança se envolve tanto que passa a se associar com algum personagem. Os contos de fadas representam muitas vezes certos medos que fazem parte da vida das crianças, e elas acabam associando esses medos com personagens das histórias.

O medo, mas comum entre as crianças na escola é que seus pais não venham buscá-los, então quando são deixados na escola, apresentam uma resistência em não querer ficar, quando se conta a história de João e Maria para as crianças este medo dos pais os abandonarem fica visível, as crianças ficam inquietas

Na história da Chapeuzinho Vermelho aparece o lobo mau, quando você conta uma história dessas para as crianças de 05 anos, logo já ficam com medo do lobo, mas a história não tem a intenção de assustar as crianças, mas de mostrar para as mesmas que não se deve falar com pessoas estranhas por exemplo. Contamos para as crianças uma nova versão da história onde a vovó estava muito doente e suspeitava que estava com dengue, aproveitamos para trabalhar um pouco sobre como evitar que os mosquitos da dengue se proliferassem, as crianças ajudaram a contar a história, esses momentos que envolvem a participação das crianças na leitura, além de incentivar a imaginação das crianças, incentiva também no hábito da leitura.

Já no Conto do Pinóquio trabalhamos com a questão da mentira, e as crianças se assustaram pelo fato de que cada vez que o Pinóquio mentia o seu nariz crescia, quando realizei a leitura deste conto as crianças falavam que não metiam, pois tinham medo do nariz crescer.

O conto dos três porquinhos aproveitamos para trabalhar os diferentes tipos de moradia, antes de contar a história, organizamos uma roda de conversa, para primeiro saber que tipos de moradia eles conheciam, assim ao decorrer da história apresentávamos a moradia dos porquinhos e perguntávamos se eles conheciam alguma casa feita de palha ou de madeira,

em seguida trabalhamos com a música “ A casa”, depois juntamente com as crianças procuramos em revistas e jornais diversos tipos de moradias, para montar um cartaz.

Para trabalhar com a questão das diferenças, utilizamos a história do patinho feio, pois já havia percebido que algumas crianças tratavam uma de suas colegas de classe com indiferença, depois que eu contei a história pedi para as crianças olharem umas para as outras, e depois perguntei se elas eram parecidas quando disseram que não, então expliquei que todos nós somos diferentes e devemos respeitar as outras pessoas e as crianças logo entenderam a mensagem da história.

Nas aulas o professor deve amenizar as situações fazendo com que as crianças reflitam e percebam as mensagens que as histórias passam.

A afetividade é um dos temas, mas abordados nos contos de fadas, sempre aparece um príncipe encantado ou uma princesa, que se casam no final da história e vivem felizes para sempre.

Segundo Rojas (2007, p.39), a construção lúdica carrega de afeto o processo de ensino e aprendizagem. São momentos de criação nas quais a criança tem a possibilidade de extravasar seu imaginário na construção do saber.

Muitas histórias infantis mostram as crianças à importância da amizade, do respeito e do carinho e dessa maneira possibilita a interação da criança com o professor e com os demais colegas.

Por meio do trabalho lúdico, a criança desenvolve atitudes de alteridade e de respeito pelo outro, percebendo diferenças e individualidades culturais e contextualizando situações pedagógicas que favorecem o desenvolvimento da imaginação; da observação; da memória e dos conhecimentos, associados a todo prazer que tal ludicidade proporciona. (ROJAS, 2007, p. 50)

Os contos trabalham com a imaginação das crianças, possibilitando o desenvolvimento emocional, pois tratam de vários problemas que envolvem o cotidiano deles. As histórias sempre proporcionam as crianças um momento mágico onde o real e o faz de conta se misturam, de maneira que elas possam sonhar e ter esperança de que também podem ter finais felizes.

Quando se mostra para as crianças um livro de histórias as crianças ficam eufóricas, pois muitas só têm acesso aos livros nestes momentos em que o professor as proporciona e se queremos formar futuros leitores devemos desde cedo incentivar as crianças nas leituras, pois é importante possibilitar as crianças este contato com os livros, para que eles se acostumem a ouvir histórias e sempre tenham contato com a leitura e assim estará presente em suas vidas. A leitura de histórias pode ser uma maneira de brincar com as palavras e figuras, pois é uma atividade prazerosa para a criança e para o adulto, além de proporcionar uma rica fonte para a imaginação.

Quando a criança reconta uma história se encaixa bem na questão do brincar, na medida em que a criança tem o interesse em uma história, ela vai brincando com as palavras e com as imagens, proporcionando a criança o desenvolvimento da sua imaginação, muitas crianças quando recontam uma história buscam imitar, por exemplo, como a sua professora conta ou então dão vida aos personagens fazendo encenações.

O processo que permite a construção de aprendizagens significativas pelas crianças requer uma intensa atividade interna por parte delas. Nessa atividade, as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios (conhecimentos que já possuem), usando para isso os recursos de que dispõem. Esse processo possibilitará a elas modificarem seus conhecimentos prévios, matizá-los, ampliá-los ou diferenciá-los em função de novas informações, capacitando-as a realizar novas aprendizagens, tornando-as significativas. (BRASIL, 1998, p.33)

Considera-se que o lúdico tem um grande valor para promover experiências fundamentais para o desenvolvimento físico, mental e social da criança. Através dos jogos, brincadeiras e das histórias infantis as crianças começam a lidar com os sentimentos de perdas e ganhos, de tentar novamente. Atividades estas que são um facilitador na aprendizagem dos alunos e uma grande ferramenta para o processo de ensino e aprendizagem.

Durante a prática docente sempre realizamos leituras de contos de fadas, fábulas brincadeiras e jogos com as crianças, para que a aula se tornasse mais atrativa para as crianças, ao realizar as leituras das histórias as crianças ficavam encantadas com as imagens, e ajudavam a contar a história, demonstravam ter senso crítico, pois quando não gostavam das histórias elas relatavam o motivo, e junto com elas escolhíamos outra história para fazer a

leitura, sempre buscamos proporcionar as crianças algo novo que envolvesse toda a turma, quando se trata de brincadeiras e jogos as crianças, nem sempre aceitam aquilo que você propõe, e junto com elas recriávamos a brincadeira, inventávamos novas regras, para assim poder transformar esse ambiente de aprendizado em um ambiente prazeroso de se estar.

As experiências lúdicas possibilitam ao professor conhecer e compreender melhor o desenvolvimento da criança. É uma forma de observar como as crianças agem durante as brincadeiras, os jogos e as histórias, pois a partir deste ponto o professor terá informações que o auxiliará na sua atuação como professor no sentido de orientar as suas ações pedagógicas.

CONCLUSÃO

Trabalhar com educação infantil, é uma tarefa muito delicada por se tratar do início da vida escolar, formação e adaptação no ambiente novo para a criança. Para essa nova fase da criança os educadores devem apresentar novas situações a partir da visão de mundo que elas já têm, trazer essas atividades para a realidade dessas crianças tornando-se um aprendizado prazeroso e que tenha um significado maior.

A atividade lúdica é importante para o desenvolvimento dessas crianças da faixa etária de 5 anos, o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil aponta a brincadeira como um elemento que deve estar presente na rotina das escolas que atuam com a educação infantil, a brincadeira precisa ser encarada como um instrumento que colabora para o aprendizado, deixando de ser utilizada apenas para preencher o planejamento diário e completar a carga horária, o lúdico precisa estar vinculada com todo o trabalho do professor, não deixando perder essa essência que a criança traz consigo, do brincar, da imaginação, da criatividade, cabe a nós professores utilizarmos isso em sala de aula.

A ludicidade renova o trabalho do profissional da educação infantil e permite através destas atividades entender o que a criança necessita para o seu desenvolvimento.

As brincadeiras, os jogos e as histórias possibilitam a criança trabalhar os seus aspectos físicos, motor, emocional, social e cognitivo, compondo assim um importante elemento no processo de aprendizagem.

É importante ressaltar que a aprendizagem através da ludicidade não acontece somente nos momentos em que está vinculada as atividades educacionais, quando as crianças brincam de forma livre e natural, elas também estão aprendendo a interagir umas com as outras, dialogam entre si, criam regras e desenvolvem o andamento da brincadeira sem precisar da interferência de um adulto.

A finalidade dessa pesquisa é demonstrar a importância da ludicidade na Educação Infantil não como um único recurso presente em sala de aula, mas como algo a mais para os professores utilizarem com as crianças.

Assim podemos ressaltar o lúdico como uma atividade significativa a ser explorada pelos profissionais que atuam na educação infantil.

Desta maneira percebe-se a importância das atividades lúdicas, sejam elas, jogos de montar, brincadeiras de faz-de-conta, jogos simbólicos, jogos de regras, histórias ou brincadeiras livres para a infância. Cada uma delas proporciona um aprendizado que colabora no desenvolvimento cognitivo, social da criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSANDRINI, Cristina Dias. Criatividade e Educação. In: VASCONCELOS, Mario Sergio. Criatividade: psicologia, educação e conhecimento do novo. São Paulo: Moderna, 2001.

ALMEIDA, Paulo Nunes, Educação Lúdica, Técnicas e Jogos Pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1995.

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire. Jogos, brinquedos e brincadeiras: O lúdico e o processo de desenvolvimento Infantil. Cuiabá: Edufmt, 2007.

ANGOTTI, M. Educação Infantil: para que, para quem e por quê. In: ANGOTTI, M. (Org). Educação Infantil: para que, para quem e por quê. Campinas: Alínea Editora, 2006.

ANTUNES, Celso. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

AZEVEDO, Alzira Brunholi de, O lúdico na Educação Infantil. Cuiabá, 2003.

BENJAMIN, Walter. “Brinquedo e Brincadeira: observações sobre uma obra monumental”. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Obras escolhidas. 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, Brasília: MEC/SEF. 1998. V.1 e V.2

CARVALHO, Audrey. O lúdico no desenvolvimento da criança/ Audrey Carvalho. 1.ed. São Paulo: Rideel,2010.

CARVALHO, Audrey. Formando o leitor/ Audrey Carvalho. 1.ed. São Paulo: Rideel,2010.

COMÊNIIUS. Didática Magna. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DANTAS, H. Brincar e trabalhar. In: KISHIMOTO, T. N. (Org.). O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 1998.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). - Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 3º ed. SP: Cortez, 1999.

LUCKESI, C.C. O lúdico na prática educativa. Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro. Vol. 22, 1994.

NEGRINE, Airton. **O lúdico no contexto da vida humana**: da primeira infância à terceira idade. In: Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. 1ª ed. Petrópolis-RS: Vozes, 2000;

_____. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 1994.

OLIVEIRA, Audrey. Reinventando a sua prática na educação infantil/Audrey Oliveira. 1.ed. São Paulo: Rideel, 2010.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1995.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

REVISTA NOVA ESCOLA, São Paulo, nº 235, p. 82, setembro de 2010.

RIZZI, Leonor & HAYDT, Regina Célia. Atividades lúdicas na educação da criança. São Paulo: Ática, 1987.

ROJAS, Jucimara. Jogos, brinquedos e brincadeiras: O lúdico e o processo de desenvolvimento Infantil. Cuiabá: Edufmt, 2007.

TEIXEIRA, Carlos E. J. A ludicidade na escola. São Paulo: Loyola, 1995.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente, SP. Martins Fontes, 1989.

_____. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Orgs: Michael Cole et. al. 4. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WINNICOTT, D. W. O brincar; a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

**CAPÍTULO V - O LETRAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL À
FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO (LUZINETE DA SILVA MUSSI)**

O LETRAMENTO COMO PRÁTICA INDISPENSÁVEL À FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO

Luzinete da Silva Mussi³

RESUMO

Observa-se, atualmente, que parte significativa dos brasileiros adultos, mesmo sendo capazes de ler e escrever são incapazes de entender o que leem e ainda mais incapacitados a escreverem textos mesmo que pequenos. Tal fato se deve à deficiência do processo de letramento em sua formação, ou mesmo à ausência de tal processo. É notório ainda que, mesmo atualmente, parte de nossas crianças estão sendo alfabetizadas sem que se leve em consideração o processo de letramento. Tal problema mostra-se preocupante, já que não basta ensinar a ler e escrever e não capacitar os indivíduos para utilizarem tais habilidades em suas interações sociais. Frente a este preocupante cenário, esta pesquisa elege como foco o estudo da importância de se alfabetizar letrando como a base do processo de escolarização e formação de indivíduos plenamente aptos a interagir de forma consciente em sociedade. Para tanto, foi utilizada a metodologia de revisão bibliográfica à luz dos trabalhos de: CARVALHO (2011), COELHO e PISONI (2012), ESTEVES (2012), GONTIJO (2018), MUSSI (2021), ROCHA (2020), entre outros autores. Por fim, destacou-se a importância da alfabetização acompanhada do letramento na formação dos indivíduos, bem como o papel fundamental da escola nesse processo e a grande responsabilidade do professor para o sucesso de seus alunos.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Formação do cidadão. Letramento. Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Ainda hoje, pode-se perceber que parte significativa dos brasileiros adultos considerados alfabetização mostram-se incapazes de entender o que leem e ainda mais incapacitados de escreverem textos mesmo que pequenos. Isto se deve à deficiência, ou ausência, do processo de letramento em sua formação. Deste modo, estas pessoas são incapazes de interagir de forma plena na sociedade, já que tudo o que se relaciona à comunicação escrita se mostra a elas como uma barreira difícil de ser transposta.

³ Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas e Coordenadora do Polo Sinop do Grupo PROMINAS (instituição que oferece cursos de Pós-graduação, Graduação e Complementação Pedagógica). Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. prof.luzinetemussi@gmail.com

Entretanto, percebe-se que a deficiência do processo de letramento na formação escolar não é algo que tenha sido superada por nosso sistema de ensino. Ainda atualmente, parte de nossas crianças estão sendo alfabetizadas sem que se leve em consideração o processo de letramento.

Esse problema mostra-se muito preocupante, tendo em vista que não basta ensinar um indivíduo a ler e escrever, é preciso capacitá-lo a utilizar tais habilidades em sua vida cotidiana, em suas interações sociais.

Frente a este preocupante cenário, a presente pesquisa elege como foco o estudo da importância de se alfabetizar letrando como a base do processo de escolarização e formação de indivíduos plenamente aptos a interagir de forma consciente em sociedade.

Assim, evidencia-se primeiramente a grande importância de se trabalhar o processo de alfabetização acompanhado de um letramento eficaz e pautado na prática e na função social da leitura e da escrita.

Percebe-se, portanto, a alfabetização e o letramento como dois processos inseparáveis na formação do indivíduo, compondo a base da formação escolar, já que a leitura e a interpretação do que se lê mostram-se fundamentais para todo o processo de ensino/aprendizagem.

Assim, alfabetizar letrando é conferir autonomia e capacidade crítica para o indivíduo, dando-lhe condições para interagir de forma ativa e consciente frente à sociedade.

Chama-se, portanto, a atenção dos profissionais atuantes na educação e, sobretudo dos professores, para a necessidade de dar ao processo de letramento a mesma importância e atenção que é dada à alfabetização levando a criança a aprender desde a Educação Infantil que o ato de ler vai muito além da decodificação do código linguístico e perceber que a leitura é libertadora à medida em que se é capaz de entender a mensagem transmitida, confrontá-la com o conhecimento já acumulado e tirar desse processo um novo conhecimento ou ponto de vista.

Visando cumprir com o objetivo proposto por este trabalho, elegeu-se a metodologia de revisão bibliográfica, à luz dos trabalhos de CARVALHO (2011), COELHO e PISONI (2012), ESTEVES (2012), GONTIJO (2018), MUSSI (2021), ROCHA (2020), entre outros autores.

Em primeiro lugar busca-se um entendimento acerca da importância de se trabalhar o letramento juntamente com a alfabetização, bem como a relevância destes dois processos para a formação do indivíduo. Ressaltam-se ainda algumas implicações geradas na vida adulta da pessoa em virtude de um letramento deficiente, fatores que prejudicam não apenas o indivíduo, mas acabam por afetar a sociedade de uma forma geral.

Em seguida são trabalhados os conceitos de alfabetização e letramento, bem como a importância da escola neste processo e a necessidade de que esta visão atualizada de se alfabetizar letrando seja mais amplamente difundida e trabalhada em nosso sistema de ensino.

Por fim, entende-se a grande importância do professor frente ao processo de alfabetização e letramento, sendo ele o profissional que estará em contato direto com o aluno na maior parte do tempo em que passa na escola, além de ser a pessoa que elabora e executa as práticas pedagógicas visando conduzir e acompanhar o estudante em sua jornada de aprendizado. Cabe, portanto, ao professor a parte mais importante desse processo e a responsabilidade de valorizar e trabalhar o letramento de forma análoga à alfabetização.

DESENVOLVIMENTO

Ao se analisar a alfabetização e o letramento, percebem-se dois processos distintos, mas claramente indissociáveis, já que o fato de um indivíduo ser capaz de conhecer as letras escritas e transformá-las em palavras, não é garantia de que entenderá a mensagem por elas transmitida. Da mesma forma, não adiante este indivíduo ter uma capacidade de entendimento mais acurada e não entender o código escrito. Assim, na prática educativa, estes dois processos devem estar juntos desde os primeiros momentos de forma que indivíduo aprenda a ler e a entender o que leu, conhecendo assim as faces práticas da leitura na vida do ser humano.

Neste sentido, Martins e Spechela (2012) destacam a necessidade de uma educação focada na qualidade desde o início da escolarização da criança.

Nesta fase, a qualidade está enfatizada nos processos de alfabetização e letramento de modo que a língua escrita se mostre como forma de comunicação de fato, onde se aprende a ler, entender e tomar consciência das informações contidas no texto, confrontando-as com a bagagem intelectual já adquirida. Entretanto, os autores destacam ainda a necessidade de fortalecer os processos de alfabetização e letramento no sentido de formar cidadãos capazes de interagir em sociedade de forma ativa e produtiva.

Contudo, observa-se que, em parte significativa dos casos, a escola brasileira tem contribuído para a formação de indivíduos que apresentam grande dificuldade em ler e maiores dificuldades no entendimento do que foi lido, sendo praticamente incapazes de produzir até mesmo pequenos textos. (Idem)

Tais colocações evidenciam a problemática vivenciada hoje em nosso país, onde parte importante da população é incapaz de ler uma pequena informação e compreendê-la, conseqüentemente, apresentando dificuldades de interação com o mundo ao seu redor.

Corroborando, Mussi (2021, p.1) acrescenta o seguinte:

Percebe-se um descaso muito grande com o processo de formação do educando, que deveria ter como prioridade a formação do ser com ênfase no desenvolvimento de habilidades, socialização e descobertas do saber, que proporcione melhor condição de compreensão, maior criticidade, maior autonomia e melhor interação com o mundo. (MUSSI, 2021, p.1)

Fica evidenciada a importância da escola no processo de formação do indivíduo como um ser social portador da plena capacidade de interagir, mas tal processo educativo tem como base a alfabetização juntamente com o letramento, como elementos capazes de levar autonomia ao ser humano e ampliar sua capacidade de entendimento e sua consciência.

Assim, Carvalho afirma que:

Uma pessoa alfabetizada conhece o código alfabético, domina as relações grafônicas, em outras palavras, sabe que sons as letras representam, é capaz de ler palavras e textos simples, mas não necessariamente é usuário da leitura e da escrita na vida social. (CARVALHO, 2010, p.66)

Martins e Spechela (2012) mostram a necessidade de fortalecimento, em nosso país, da cultura de se alfabetizar letrando, para que esse processo de inclusão da criança na língua escrita se dê por completo. Para tanto, destacam a responsabilidade recaída sobre o professor alfabetizador neste processo, sendo que, tal profissional deve ser possuidor de profundos conhecimentos acerca da alfabetização e do letramento, já que se trata da pessoa que colocará em prática tais processos junto a seus alunos.

Deste modo, o docente aparece como um importante mediador do processo de construção de conhecimento e não mais como o profissional que coloca o conhecimento na cabeça do aluno. Trata-se de valer-se de práticas e criar meios capazes de levar não apenas a decorar, mas acima de tudo pensar e interagir, conforme destacado em seguida:

Espera-se que o educando consiga nesse espaço/tempo de construção de saberes e desenvolvimento intelectual, psicológico, afetivo e social, se fortalecer no sentido de transformação, sempre com consciência e autonomia na busca de seu melhor e de novas descobertas, que sempre siga em frente se aliando a outros que dividem os mesmos ideais, sempre acreditando que ser possível ou não, depende primeiro de seu pensar, de seu querer, se achar que será possível, aí então, é partir para a ação de concretização do seu pensar. (MUSSI, 2021, p.1)

Entende-se, portanto o professor como aquele capaz de orientar e estimular seus alunos no processo de construção do conhecimento, sempre mostrando as possibilidades e, embora trabalhando os pontos fracos, destacando e enfatizando as conquistas de cada estudante.

Gontijo (2018) acrescenta que parte dos professores atuantes na Educação Infantil apresenta o receio de trabalhar a alfabetização e o letramento nesta faixa etária. Para eles, tal processo poderia usurpar a ludicidade e o brincar da vida dos alunos em uma idade em que tais processos se mostram de grande importância para o desenvolvimento dos mesmos. Contudo, a autora enfatiza a possibilidade e a importância de se trabalhar a alfabetização e o letramento através de práticas lúdicas, capazes de levar as crianças a aprenderem brincando, sem que seja sentido o peso da responsabilidade de abandonar as brincadeiras e sentar-se em silêncio na carteira para se dedicar ao estudo. Também não é importante alfabetizar a criança na Educação Infantil, mas é de grande valia iniciar esse processo de

alfabetização e letramento nesta faixa etária, ao menos apresentando a criança ao mundo da leitura e escrita.

A autora ainda salienta a importância da adequada alfabetização e letramento para a vida do indivíduo frente à sociedade:

O sujeito alfabetizado e letrado ele se transforma e transforma quem está ao seu redor também. Aquele que é letrado está sempre fazendo uso da escrita e também da leitura, então se João pratica o ato de ler e escrever, Maria que convive com João, também estará se familiarizando com essa prática. (GONTIJO, 2018, p.5)

Reafirma-se, assim, a importância da boa execução dos processos de alfabetização e letramento na formação do cidadão consciente, ativo e transformador do meio em que vive.

O portal Diferença (2019) define a seguir os termos alfabetização e letramento enfatizando as diferenças entre os dois processos:

A alfabetização é o processo de aprendizagem onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever, já o letramento desenvolve o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. Então, uma das principais diferenças está na qualidade do domínio sobre a leitura e a escrita. Enquanto o sujeito alfabetizado sabe codificar e decodificar o sistema de escrita, o sujeito letrado vai além, sendo capaz de dominar a língua no seu cotidiano, nos mais distintos contextos. (PORTAL DIFERENÇA, 2019, p.1)

Assim, Coelho e Pisoni (2012) acrescentam que para haver o letramento juntamente com a alfabetização é preciso trabalhar de forma a se explorar o mundo e a realidade que nos rodeia, sendo necessário ir além da ação de ensinar a criança a reconhecer os elementos da língua escrita, envolvendo tal conhecimento com o cotidiano e as vivências do aluno. Ficando evidente a importância de, ao receber a criança na escola, trazer para as práticas em sala de aula as questões sociais e culturais já vivenciadas por ela antes de chegar à instituição de ensino. Sendo este o primeiro passo para a constituição de um ambiente escolar propício à formação crítica do indivíduo, conforme enfatizam a seguir:

A criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, mas o aprendizado escolar vai introduzir elementos novos no seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. (COELHO E PISONI, 2012, p. 148)

Derruba-se, assim, o antigo paradigma que via o aluno como uma folha em branco pronta para receber conhecimento. Destaca-se, na atualidade, a importância de respeitar-se os conhecimentos e a cultura que o estudante traz consigo do meio doméstico para a escola.

Coelho e Pisoni (2012, p.150) acrescentam ainda que:

A escola deve estar atenta ao aluno, valorizar seus conhecimentos prévios, trabalhar a partir deles, estimular as potencialidades dando a possibilidade de este aluno superar suas capacidades e ir além ao seu desenvolvimento e aprendizado. Para que o professor possa fazer um bom trabalho ele precisa conhecer seu aluno, suas descobertas, hipóteses, crenças, opiniões desenvolvendo diálogo, criando situações onde o aluno possa expor aquilo que sabe. Assim os registros, as observações são fundamentais tanto para o planejamento de objetivos quanto para a avaliação. (COELHO e PISONI, 2012, p. 150)

Nota-se, então, que o processo de alfabetizar letrando envolve também os conhecimentos prévios e a cultura do aluno, onde uma prática pedagógica capaz de valer-se de tais saberes prévios para introduzir os novos conceitos de forma a relacionar o novo com o já conhecido fará grande diferença com relação à superação das dificuldades inerentes ao processo de ensino/aprendizagem, como ainda será capaz de melhorar os resultados obtidos em todos os aspectos.

Corroborando, Martins e Spechela (2012) acrescentam que o estudante, ao ser introduzido no ambiente escolar, já possui, em parte das vezes, um letramento adiantado, tendo em vista as relações que já estabelece com o meio em que vive. Assim, tal bagagem cognitiva deve ser aproveitada pelo docente para que o processo de alfabetização e letramento deste aluno seja de fato libertador, gerando autonomia e criticidade.

Gontijo (2018) corrobora ao afirmar ser de fundamental importância que o professor tome consciência de seu papel no desenvolvimento da criança a qual está alfabetizando e letrando. Destaca-se a necessidade de que tal processo transcorra de forma adequada para que as dificuldades inerentes à aquisição da língua escrita sejam superadas e nosso sistema de ensino seja capaz de reduzir a grande quantidade de analfabetismo funcional presente na sociedade brasileira.

Martins e Spechela (2012) trazem à baila a necessidade da observação das especificidades apresentadas por cada criança quanto ao processo de aprendizagem, conforme destaca-se a seguir:

É necessário utilizar um método, porém não se pode definir um como o melhor, ou mesmo único, pois o que pode ser bom para aprendizagem de uma criança pode ser ruim para outra, lembrando que quando se utiliza um método e ele não traz bons resultados, deve-se partir para outro. (MARTINS e SPECHELA, 2012, p.6)

Fica evidente, deste modo, a necessidade de o professor conhecer seus alunos e as particularidades de cada um, sempre direcionando suas práticas pedagógicas de modo a facilitar a participação e o entendimento de todos.

Rocha (2020, p.1) corrobora com tal pensamento ao afirmar que:

Na prática, percebe-se que boa parte das crianças são alfabetizadas sem grandes dificuldades, porém, outras necessitam em maior ou menor grau de atenção e acompanhamento especial. Deste modo, um trabalho promovido de forma geral pelo professor nem sempre é capaz de alcançar resultados satisfatórios, chegando algumas vezes a levar parte significativa dos alunos ao quadro de fracasso escolar.

Gontijo (2018) acrescenta a importância de, já na Educação Infantil, disponibilizar às crianças tempo e espaço específico para acesso à leitura e à escrita. A autora exemplifica com a prática de fazer leituras para as crianças em sala de aula e, após a leitura, requisitar que cada uma desenhe a história que acabou de ouvir. Esse, apesar de simplificado, já é um processo de escrita ao qual os alunos terão acesso mesmo sem terem sido alfabetizados ainda. Assim, as crianças já vão entendendo a função da escrita e despertando o interesse em conhecer as letras para serem capazes de escrever palavras e frases.

A autora acima, acrescenta também que atualmente as crianças, em sua maioria, vivenciam um “mundo letrado” ao valerem-se de jogos eletrônicos, celulares, tablets, computadores e Internet. Nestes meios a criança, mesmo sem ter sido alfabetizada ainda, é capaz de entender o funcionamento dos aparelhos, encontrar seus vídeos de interesse e jogar sem dificuldades. Para a autora, as crianças conseguem aprender tudo isso, porque são coisas que se tornaram comuns na rotina delas, deste modo, aumentando o acesso à leitura

e escrita e tornando tais saberes também comuns em suas vidas, elas terão maior facilidade no processo de alfabetização e letramento.

Diogo e Gorette (2021) acrescentam que as práticas pedagógicas organizadas pelo professor alfabetizador devem conter elementos do processo de alfabetização e do de letramento, sem negligenciar nenhum dos dois. Deste modo, o processo de ensino do código da língua escrita será acompanhado de sua utilização prática em sociedade nas diversas vivências dos alunos.

Neste sentido, é evidente que o processo de alfabetizar letrando é significativamente mais trabalhoso para o docente que, muitas vezes, acaba optando por priorizar a alfabetização, de modo que seu aluno consiga logo ler e escrever palavras e pequenas frases, apresentando uma falsa ideia de progresso mais rápido.

Percebe-se que essa falta do adequado letramento se mostra como uma das principais causas que leva grande número de brasileiros considerados alfabetizados à incapacidade de interpretar o que leem. Neste sentido, Esteves, (2012) acrescenta que não basta o indivíduo ser capaz de ler um anúncio, se este não for capaz de entender com clareza a mensagem ali contida. Assim, a alfabetização trará ao indivíduo a habilidade de decodificar o texto, mas as habilidades de interpretar o que foi lido atribuindo-lhe um significado são trazidas pelo letramento adequadamente trabalho em consonância com o processo de alfabetização.

Esteves (2012, p. 11) ainda destaca que:

Por isso é tão importante que a alfabetização tenha passado a ser pensada a partir da perspectiva do letramento, na qual ela não fica mais restrita à aprendizagem da língua enquanto código escrito, mas o aprendiz é levado a vincular essa aprendizagem aos usos efetivos em sua vida (...) um indivíduo letrado é aquele que envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc. Mas não escreve cartas nem lê jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia ou escreve romances. O profissional dessa modalidade de ensino deve conciliar a realidade, os conhecimentos adquiridos pela vivências desses alunos, com o seu aprendizado em sala de aula, se baseando neles para planejar uma aula em que esse aluno possa se identificar, gostar e aprender da melhor forma possível, isso melhora a autoestima do

aluno porque o faz perceber sua importância e o seu papel no caminho para uma aprendizagem significativa.

Mais uma vez o papel do professor é evidenciado frente a seu trabalho e suas práticas pedagógicas junto aos alunos no sentido de facilitar o processo de ensino/aprendizagem, criando condições para o aprendizado e guiando os estudantes na construção do próprio conhecimento. Deste modo, ao trabalhar uma educação libertadora e capaz de estimular a autonomia, o professor alfabetizador corrobora para a formação de indivíduos mais produtivos e interativos.

Seguindo esta linha de raciocínio, Fernandes (2010, p.) discorre sobre os objetivos da educação frente à sociedade atual:

Hoje, os grandes objetivos da Educação são: ensinar a aprender, ensinar a fazer, ensinar a ser, ensinar a conviver em paz, desenvolver a inteligência e ensinar a transformar informações em conhecimento. Para atingir esses objetivos, o trabalho de alfabetização precisa desenvolver o letramento. O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia.

De tal forma, o letramento mostra-se como um processo indispensável na escolarização formal. Processo este que deveria, preferencialmente, iniciar-se em casa, junto ao convívio familiar antes mesmo da criança ser inserida no ambiente escolar.

Ampliando a discussão relativa à função social exercida pela alfabetização e o letramento, Diogo e Gorette (2011) citam Freire (1996), conforme apresentado no trecho abaixo:

... o sujeito quanto mais amplia sua visão de mundo, mais se liberta da opressão, ou seja, o sujeito letrado que já possui seus conhecimentos prévios, com um determinado ponto de vista, quando alfabetizado, pode modificar seus pensamentos, ampliando-os de forma que passa a refletir criticamente sobre a prática social. (FREIRE, 1996, Aput DIOGO e GORETTE, 2011, p. 12197)

Destaca-se, contudo, a indivisibilidade dos processos de alfabetização e letramento, bem como a necessidade de um trabalho intenso abrangendo os dois processos com igual importância para o adequado processo de ensino. Deste modo, mais uma vez o papel do professor é evidenciado como sendo principal ator, no meio educativo, no tocante à escolarização das crianças.

Diogo e Gorette (2011, p.12198) ainda afirmam que:

Alfabetizar letrando é uma prática necessária nos dias atuais, para que se possa atingir a educação de qualidade e produzir um ensino em que os educandos não sejam apenas uma caixa de depósito de conhecimentos, mas que venham a ser seres pensantes e transformadores da sociedade.

Percebe-se, portanto, uma ressignificação do antigo paradigma da alfabetização onde o foco eram apenas os símbolos. Agora, acompanhada do letramento, a alfabetização mostra-se como uma ferramenta, uma das etapas de um processo mais completo, complexo e libertador.

Segundo o site Gazeta do Povo (2019), a Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua, divulgada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em meados de 2019, o Brasil apresentava 6,8% de analfabetismo. São mais de 11,3 milhões de brasileiros com idade acima de 15 anos que não sabem ler e escrever. Na mesma reportagem, o portal ainda aponta que na época estimava-se mais de 750 milhões de pessoas analfabetas no planeta.

Tal situação aponta um sério problema, não só em nosso país, mas tal problema tende a ser mais grave do que parece à primeira vista, a julgar que parte significativa da população alfabetizada não é capaz de compreender de forma adequada os textos que lê, nem tampouco encontra-se apta a redigir nem mesmo textos curtos.

Percebe-se a grande necessidade de esforços no sentido de alfabetizar essas pessoas que ainda hoje não sabem ler e escrever, mas é notória também a importância de que esta alfabetização seja acompanhada do letramento para que de fato estes indivíduos sejam capazes de integrar-se de maneira plena à sociedade. Entretanto há de se atentar com grande cuidado à forma como nossas crianças estão sendo alfabetizadas agora, visto que comporão a sociedade de amanhã. É preciso que o sistema de educação esteja mais focado em alfabetizar letrando, oferecendo aos alunos, desde a Educação Infantil, mas principalmente nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental I, uma educação realmente capaz de alicerçar a formação de cidadãos conscientes e capazes de interagir de forma mais produtiva frente à sociedade.

Neste sentido, Dreyer (2011, p.3594) acrescenta que:

... quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas, e conseqüentemente, quanto mais incitados, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade. Esta relação dialética é cada vez mais incorporada na medida em que, educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo.

Assim, mais uma vez o docente é chamado à responsabilidade, enquanto profissional que atua mais próximo ao aluno no processo de ensino/aprendizagem, de buscar meios e práticas capazes de prender a atenção dos estudantes e instigá-los na busca pelo conhecimento, sendo imprescindível atentar-se à necessidade de se alfabetizar letrando.

Neste sentido acrescenta-se que:

Para alfabetizar letrando, deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, como escrever para alguém que não está presente (bilhetes, correspondências escolares), contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz etc. Assim a escrita passa a ter função social. (CARVALHO, 2011, p.69)

Assim, percebe-se a necessidade da realização de um trabalho pedagógico voltado também para questões sociais, um trabalho capaz de mostrar aos estudantes as funções práticas da escrita e da leitura na sociedade. Neste sentido, o docente deve valer-se das vivências de seus alunos para introduzir práticas relacionadas a tais vivências, de modo que fique mais fácil para a criança experienciar as aplicações práticas do que está aprendendo.

Assim, o professor, ao conhecer o universo vivenciado por seus alunos, torna-se capaz de promover práticas para ampliá-lo, direcionando os estudantes à reflexão e à busca por entendimento e conhecimento.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa evidenciou inicialmente problemas enfrentados por nossa sociedade atual oriundos da falta do adequado processo de letramento junto à alfabetização em parte significativa dos casos. Essa deficiência no letramento no processo educativo levou à formação de uma sociedade na qual

muitos indivíduos, mesmo sabendo ler e escrever, mostram-se incapazes de compreender o que leem ou transmitir uma mensagem por escrito. Tal fator limita drasticamente a capacidade de interação de tais pessoas em sociedade, além prejudicar de forma bastante significativa sua capacidade crítica e a tomada de decisões.

Destacou-se ainda, que as deficiências no processo de letramento não são algo vivenciado apenas em nosso passado, ainda hoje nosso sistema de educação formal apresenta falhas capazes de permitir que parte de nossas crianças sejam alfabetizadas sem serem letradas.

O letramento foi aqui evidenciado como um processo indissociável da alfabetização, sendo responsável por ensinar o indivíduo a utilizar de forma prática a leitura e a escrita em sua interação com a sociedade na qual se inseri. Trata-se da parte do processo que lhe dá autonomia, a capacidade crítica e a condição de entender de forma mais eficiente os acontecimentos e relações sociais, conferindo ao indivíduo a condição de interagir de forma mais efetiva e competente no meio social.

Ficou evidente a necessidade de se trabalhar o letramento de forma mais enfática desde à educação infantil, sempre respeitando e considerando a bagagem intelectual já trazida do convívio familiar para a escola, de modo que, a partir de tais conhecimentos e habilidades, o docente possa estruturar suas práticas pedagógicas com o intuito de ligar os novos conhecimentos aos já dominados por seu aluno.

Assim, ficou claro que, ao se trabalhar a leitura e a escrita é de suma importância que trabalhe também suas funções sociais, levando os estudantes a perceberem para que servem tais processos, bem como praticá-los de forma mais concreta e dinâmica.

Frente a esta realidade, ficou evidente a necessidade de uma educação alicerçada na alfabetização e no letramento enquanto processos que juntos e bem executados são processos capazes de conferir autonomia e criticidade ao indivíduo, corroborando de forma indispensável à formação do cidadão consciente e plenamente capaz de interagir e conviver de forma produtiva em sua sociedade.

Contudo, o papel da escola e do sistema de ensino são destaque no processo educativo e devem estar focados nas necessidades da sociedade atual e na adequada formação do indivíduo. Deste modo, carecem de mais atenção e responsabilidade por parte do estado, dos profissionais, dos familiares e da sociedade de modo geral.

Por fim, o docente é apresentado como o profissional de maior importância para a adequada formação do cidadão, já que se mostra como o profissional executor do processo de ensino/aprendizagem, sendo quem elabora as práticas pedagógicas mais adequadas e as coloca em prática junto aos estudantes. É a pessoa mais presente junto ao aluno, acompanhando-o em seu processo de aprendizagem e, portanto, deve ser capaz de estimulá-lo a buscar conhecimento e a fazer uso de tal conhecimento em sua vida.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, Luana.; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. Revista Modelos–FACOS/CNE C, Osório, v. 2, n. 1, ago. 2012. Disponível em: http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf

DIOGO, Emilli Moreira; GORETE, Milena da Silva. Letramento e Alfabetização: Uma Prática Pedagógica de Qualidade. I seminário de representações sociais, subjetivas da educação-SIRSSE. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5806_2767.pdf. Acesso set. 2021.

DREYER, Loiva. Alfabetização: o olhar de Paulo Freire. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, Curitiba, 2011. P. 3585 – 3601.

ESTEVES, Maria Mara Teixeira. A Alfabetização e o Letramento na Educação de Jovens e Adultos. Teresina, PI: Universidade federal do Piauí-UFPI, 2012. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/1212eee0f0b15545ebbb586217370e7f_2025.pdf. Acesso set. 2021.

FERNANDES, Maria. Os segredos da alfabetização. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GAZETA DO POVO. A taxa de analfabetismo no Brasil. Veículo de comunicação. Disponível em: <https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-no-brasil/>. Acesso set. 2021.

GONTIJO, Arlete Abade de Melo. Alfabetização e letramento na educação infantil. FANAP. 2018. Aparecida de Goiânia. Disponível em: <http://www.fanap.br/Repositorio/159.pdf>. Acesso set. 2021.

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET –ISSN 2175-1773 julho de 2012. Disponível em: <http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n3/6%20ARTIGO%20LUANA.pdf>. Acesso set. 2021.

MUSSI, Luzinete da Silva. Afetividade no processo pedagógico. Revista Científica ISCI. Número 2, maio, 2021. Disponível em: <http://iscweb.com.br/revista/38-numero-2-2021/2394-afetividade-no-processo-pedagogico>. Acesso set. 2021.

PORTAL DIFERENÇA. Alfabetização e letramento. 2019. Disponível em: <https://www.diferenca.com/alfabetizacao-e-letramento/>. Acesso set. 2021.

ROCHA, Simone dos Santos Batista Rocha. Alfabetização e letramento no processo ensino/aprendizagem. Revista Científica ISCI. Número 1, fevereiro, 2020. Disponível em: <http://www.isciweb.com.br/revista/33-numero-1-2020/1818-alfabetizacao-e-letramento-no-processo-ensino-aprendizagem>. Acesso set. 2021.

**CAPÍTULO VI - PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF NA
EDUCAÇÃO INFANTIL (FRANCIELLY MARTINS DE SOUZA COSTA;
GISLAINE FAVIN DE SOUZA; GIZELMA LISBOA ALVES; LAIS
TULIANA MARTINS DA HUNGRIA; TELMA NEGRIS ARAUJO)**

PRINCÍPIOS DA PEDAGOGIA WALDORF NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francielly Martins de Souza Costa

Gislaine Favin de Souza

Gizelma Lisboa Alves

Lais Tuliana Martins da Hungria

Telma Negris Araujo

RESUMO

Os sete primeiros anos de vida, conhecidos como primeiro setênio pela pedagogia Waldorf, são cruciais para o desenvolvimento do indivíduo e devem ser respeitados e impulsionados de acordo com a necessidade de cada criança. Na educação infantil a criança está se tornando hábil na sua própria casa que é o corpo. Então, basicamente, a criança precisa ter: autonomia para mover, correr, saltar, pular, são ações derivadas do aprendizado do andar. Sendo assim, o que ela mais precisa é ativar o seu corpo a partir da postura ereta que ela conquistou. Esse lado da movimentação é privilegiado se a criança tem um espaço que ela possa explorar por conta própria. Também a criança é bem aberta para o que ela percebe no mundo. Então, o espaço com muitas informações imprime nela vivências que podem inibir seus movimentos autônomos.

Palavras-chave: Pedagogia Waldorf. Autonomia. Criança. Vivências.

INTRODUÇÃO

O presente artigo sobre a concepção pedagógica Waldorf, percorrendo desde a concepção do professor, do currículo e os conteúdos nesta perspectiva perpassando pela abordagem fenomenológica do conhecimento bem como concepções humanistas da educação, visto que o objetivo da pesquisa é conhecer e compreender como se dá na prática o ensino na pedagogia Waldorf.

Para embasar a referente pesquisa recorri aos teóricos como Freire (2011), Lanz (1999), Mello (2005), Morin (2003) entre outros.

1. PEDAGOGIA WALDORF E A ANTROPOSOFIA

Para desenvolver essa parte do trabalho foi desenvolvida uma pesquisa de campo e bibliográfica para ser possível adentrar na pedagógica Waldorf.

A pesquisa em questão teve como objetivo conhecer e revelar a educação na concepção pedagógica Waldorf, a qual perpassa pela perspectiva fenomenológica e será retratado o contexto pedagógico desenhado pelo filósofo e cientista austríaco Rudolf Steiner.

“Procura no próprio ser: E tu encontrarás o mundo; procura na ação do mundo: E tu encontrarás a ti próprio.” (Rudolf Steiner)

A pedagogia Waldorf tem como fundador o Dr. Rudolf Steiner, calcada em uma antropologia sedimentada na Ciência espiritual, seus relatos posicionam-se em virtude da escola em relação a vida cultural, econômica e social da época de caos, resquícios herdados ao final da primeira guerra mundial.

Segundo Richter, a escola Waldorf foi inaugurada em fevereiro de 1919 em Stuttgart, como Escola Integrada de Ensino fundamental e Médio e desde seu início todos tinham acesso a ela. Pode ser considerada como a primeira escola comunitária da Alemanha, devido a sua expansão por toda Alemanha e outros países, o regime nazista proibiu tais escolas, voltando a se fortalecer e expandir para o mundo inteiro em 1945.

Hoje em dia é notório o crescente o interesse em busca de escolas que propagam a pedagogia Waldorf pela sociedade que prima por uma formação mais humana em contraposição a formação mecanizada e de memorização.

A perspectiva Waldorf é embasada pela ciência empírica e moderna, levando a uma compreensão diferenciada das fases evolutivas da infância e da adolescência, no decorrer das quais se transformam as relações com o mundo e a disponibilidade em aprender,

Uma das nossas grandes preocupações é dar uma formação integral ao homem: ao seu pensar, sentir, querer, dirigido, portanto, a cabeça, ao coração e a sua mão. Queremos que ele conheça, no momento certo, tudo que o envolve, quanto a natureza e a Vida Humana. (LANZ, 1999, p.30)

Segundo a Sociedade Antroposófica no Brasil, a antroposofia, remontando as suas raízes linguísticas é formada pelas palavras “antroposofia” do grego anthro pós homem e sophia- sabedoria significando assim “sabedoria a respeito do homem”.

A antroposofia tende a satisfazer a busca de conhecimento do homem moderno a respeito de si mesmo e de suas relações com todo o universo, respondendo, de forma condizente ao seu nível de consciência, as antigas e recorrentes perguntas do ser humano: - Quem sou eu? De onde venho? Aonde vou? Qual o sentido de minha existência?

O homem atual obstante em apenas crer na verdade, almeja desvelar enigmas e mistérios envoltos a sua existência, os quais não esclarecidos tão poucos resolvidos nem na religião nem nas ciências modernas. Uma vez que o viés do misticismo lhe cobra a renúncia a qualquer cogitação racional, e a ciência lhe oferece um cego intelectualismo que contrapõe a legitimidade de seus anseios espirituais.

É nesse sentido que se pode denominar a antroposofia também como ciência do espírito, aplicável na prática, a todas as esferas da vida humana. Uma psicologia espiritual em pleno desenvolvimento, uma pedagogia social voltada para o desenvolvimento de pessoas, grupos e organizações. Citem-se ainda, no âmbito das artes, a euritmia que é a arte do movimento abrangendo os planos cênico, pedagógico e terapêutico e a arte da fala, cultivo da linguagem mediante princípios espirituais.

De acordo com Sociedade Antroposófica no Brasil, a antroposofia não se atém ao plano meramente teórico, ela se liga intimamente a realidade do mundo, contribuindo com suas descobertas para uma vida mais integrada. Para a antroposofia a imagem do homem em toda a sua complexidade físicoespiritual, quando considerada em todos os âmbitos da vida, colabora para dignificar as realizações da humanidade em direção sua meta evolutiva.

A sociedade Antroposófica no Brasil é uma instituição congregadora dos conteúdos e ideias que norteiam as atividades descritas, tem sua sede em São Paulo-SP e dentre suas metas destaca-se a divulgação da antroposofia por meio de cursos, palestras e publicações.

2. CURRÍCULO NA PERSPECTIVA WALDORF

Estudos acerca da concepção do currículo escolar permeiam ao que ensinar na escola de acordo com a intencionalidade educacional de uma dada escola, Lopes (2011) preceitua que as concepções de currículo se modificam em função das diferentes finalidades educacionais pretendidas e dos contextos sociais nos quais são produzidas.

Já no que concerne a concretização do currículo na concepção Waldorf é oriunda da imagem do ser humano. A legitimação dos conteúdos na concepção pedagógica Waldorf é baseada em função da faixa etária dos alunos, diante de tal fato, a composição de cada série/ano segue estritamente ao princípio da idade, denominado de setênios, uma vez que o que prevalece é o rendimento possível de cada aluno.

Doutor Samir Rahme esclarece que teoria dos setênios foi elaborada a partir da observação dos ritmos da natureza, da qual nós humanos fazemos parte. Baseia-se em dividir a vida em fases de sete em sete anos. Os setênios demonstram como se podem entender os ciclos de vida de uma maneira prática e sábia. Os setênios fazem parte da antroposofia, ciência que parte da compreensão do ser humano, para que ele entenda não apenas a si próprio, mas todo o universo.

Nessa perspectiva Arroyo (2004) reporta ao aprendizado escolar dizendo:

Sabemos que os aprendizados têm tudo a ver com as vivências, representações, lógicas e culturas escolares em que são ensinados e aprendidos. Não é difícil perceber que essas vivências, lógicas e culturas escolares são aprendidas de maneira diversa por uma criança iniciante ou por um adolescente ou jovem com vários anos de aprendizado do ofício do aluno. Como ignorar esses tempos? Dependendo do trato que o ordenamento escolar der a essa heterogeneidade de vivências abriremos ou bloqueando possibilidades de construção e apreensão do conhecimento. (p.224)

As disciplinas para a obtenção do conhecimento cognitivo têm o mesmo peso das disciplinas biológico-tecnológicas e das prático-artísticas. Os variados

conteúdos das aulas e dos exercícios tem caráter instrumental de um recurso pedagógico. Conforme Richter (2002, p.6):

Há que se plantar “sementes”, tanto em relação aos conteúdos, quanto a estrutura do ensino. Isto significa que mais tarde, dentro de novos contextos, a matéria aprendida deve servir de estímulo para o desenvolvimento dos conteúdos de novas questões e de novo ponto de vistas. É preciso estimular e preservar a vontade espontânea de aprender, o espírito de investigação, a disposição para a atividade criativa e para a participação na formação na sociedade. Assim a educação pode ser reconhecida como instrumento para o desenvolvimento e para a transformação.

Segundo Rudolf Steiner, todo ensino deveria ser permeado pela ciência da vida, questões técnicas e atuais devem ser ministradas em consonância com a idade dos alunos. Entre os temas atuais próximos a realidade como pedagogia social, ecologia, higiene e saúde, sexualidade, educação ambiental e outros devem fazer parte da grade curricular e Silva (1999, p.40 e 41) preceitua que o currículo,

Na perspectiva fenomenológica, não é, pois, constituído de fatos, nem mesmo de conceitos teóricos e abstratos: o currículo é local no qual docentes e aprendizes tem a oportunidade de examinar, de forma renovada, aqueles significados da vida cotidiana que se acostumaram a ver como dados naturais. O currículo é visto como experiência e como local de interrogação e questionamento da experiência.

A liberdade do ensino é condição essencial para prática de uma educação com vistas para a liberdade. Uma escola que visa ser viva tem que instigar os professores a aprofundarem seus métodos e currículos. O mesmo princípio deve valer para a estruturação curricular e para elencar os temas adequados para ser trabalhado no ambiente escolar. O princípio do exemplo é fundamental para a materialização do currículo global na escola Waldorf.

Dentro das possibilidades do currículo, as matérias teóricas, artísticas e práticas são agrupadas de forma que o trabalho no ambiente escolar permita tal alternância, incluindo intervalos que propiciem a assimilação duradoura do aprendizado das matérias. Em consonância com tal processo, Silva (2002, p.41) pontua que:

Enquanto no currículo tradicional os estudantes eram encorajados a adotar uma atitude supostamente científica que caracterizava as disciplinas acadêmicas, no currículo fenomenológico eles são

encorajados a aplicar a sua própria experiência, ao seu próprio mundo vivido.

A relação harmoniosa entre o conteúdo do ensino e o desenvolvimento da criança constituiu um dos fundamentos da pedagogia de Steiner, segundo ele, o conteúdo apropriado a idade deve ser considerado como algo terapêutico, obedecendo a máxima que diz “educar sempre significa curar”. Lanz (1999, p.12) aponta que

O que é essencial no plano de ensino Waldorf não são os conteúdos das matérias são as capacidades anímicas que se desenvolvem pelo estudo. Os conteúdos são sugeridos porque é por meio deles que os alunos podem adquirir o essencialmente importante para a vida.

Delineando uma concepção pedagógica voltada para a formação do ser humano, enquanto pessoa e desvelando o seu pensar sobre o mundo e o que o rodeia,

Nessa medida, a metodologia de ensino e aprendizagem se baseia na sequência rítmica das três fases de cada processo autônomo: no reconhecimento, na compreensão e no domínio dos conteúdos. 1) vivenciar, observar, experimentar, 2) recordar, descrever, caracterizar, anotar, 3) processar, analisar, abstrair, generalizar (elaboração de teorias). (RICHTER,2002, p.9).

Rompendo com paradigmas de fórmulas prontas e acabadas para todos os alunos, não considerando a individualidade e ritmo de cada um, o tornando um aluno mecânico e conteudista, com o pensamento predeterminado tal qual apregoa a concepção tradicional de educação.

Há que se falar que nas escolas Waldorf não há diferenciação dos trabalhos a serem realizadas em relação ao sexo dos alunos, assim as matérias referentes a trabalhos manuais como tricô, artesanato, jardinagem e tecnologia são destinadas tanto para meninas como para meninos. Freire (2011) aponta que ensinar não é transferir conhecimento, mas sim criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Professor é uma figura principal da sala de aula e em nossas vidas enquanto alunos no decorrer de nossa aprendizagem, são eles que nos motivam, instigam e permitem dar asas a nossa imaginação bem como nos proporcionam a sonhar com um futuro diferente, mais digno e humano.

Entretanto, sabemos que ser professor não é tarefa fácil e tão pouco descomprometida, nós professores somos porta vozes da educação de nosso país e em nome da educação devemos propiciar aos alunos meios que os torne cidadãos, cultos, emancipados, autônomos e críticos em todas as dimensões que circunda nossa sociedade além de formar um ser humano ético e preocupado com o seu próximo.

Educar é muito mais do que ensinar letras e números é contribuir para construção de uma sociedade com pessoas mais justas, criativas, autônoma e principalmente que pensa no seu próximo.

Parafraseando Paulo Freire, a educação não pode ser neutra, tem que ser um ato político, um meio de reivindicar melhoras e oportunidades a todos os cidadãos de nosso país.

Experiência a prática docente, como iniciante proporcionou desmitificar alguns mitos que envolvem o ambiente escolar bem como reforçar relações ocultas que ocorrem no interior da escola, relações essas que muitas vezes que impedem o bom funcionamento da escola.

Rudolf Steiner preconiza em seus escritos no século XX e continuam em voga quando o assunto é uma educação voltada para o aluno em especial para a essência do ser humano.

Conhecer a pedagogia Waldorf ampliou nosso olhar de educadoras, permitindo entender que a educação assume nuances e princípios de acordo com que o educador acredita e materializa em sua prática.

A pedagogia waldorf busca antes de formar um educando, formar um homem pleno e com virtudes que a humanidade foi enterrando conforme foi evoluindo nas dimensões sociais, tecnológicas, científicas e econômicas, fazendo que a essência humana fosse perdida tornando os homens insatisfeitos e incompleto e sempre querendo mais e mais, presos em suas próprias mazelas e desventuras.

Esse reencontro com o seu eu e sua essência são promovidos pela educação na perspectiva a Waldorf. Mesmo em contextos educacionais diferenciados, a essência da criança é a mesma e deve ser cultivada e regada para que crescer bonita e forte, a educação deve transpassar os cadernos até o interior da criança, o eu da criança e compartilhar para evolução do corpo e da alma.

4. REFERÊNCIAS

- BRITO, Teca Alencar de: Música na Educação Infantil- São Paulo: Peirópolis,2003.
- FERREIRO, Emília. Com Todas as Letras. 15ª.ed.- São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 1ª Ed.- São Paulo: Olho d'água, 2009.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GOETHE, J. W. Teoria de la Naturaleza. Madrid: Oikos-Tau, 1993.
- KAERCHER, G. E. P. S. Literatura Infantil e educação infantil: um grande encontro. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. Caderno Educação Infantil. : São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 135-142.
- LANZ, Rudolf. Projeto Pedagógico elaborado pela Seção Pedagógica do Goetheanum e pelo Centro de Pesquisas Pedagógicas da Federação das Escolas Waldorf. São Paulo-SP: 1999. Federação das Escolas Waldorf no Brasil.
- LIBÃNEO, José Carlos. Didática- São Paulo: Cortez, 1991.
- MELLO, Suely Amaral: Linguagens infantis, outras formas de leitura- Campinas SP: autores Associados,2005.
- MOREIRA, Marco Antônio. Ensino e aprendizagem, enfoques teóricos. 2.ed.São Paulo: Editora Moraes, 1985.
- MORIN, Edgar. A Cabeça bem-feita: Repensar a reforma, reformar o pensamento. 6ª ed. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 2002.

OLIVEIRA, A. A.; SPÍNDOLA. O letramento literário da criança. In: Múltiplas Linguagens: Literatura Infantil. Cuiabá: Edufmt, 2011.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. v. Brasília: MEC/SEF, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e Docência- São Paulo: Cortez, 2004. (coleção docência em formação. Serie saberes pedagógicos.)

RICHTER, Tobias. Objetivo Pedagógico e Metas de ensino de uma Escola Waldorf. São Paulo-SP: 2002. Federação das Escolas Waldorf no Brasil.

REGO, Lúcia Lins Browne(in) Terezinha Nunes Carraher (Org.). Aprender Pensando: Contribuições da psicologia cognitiva para a educação. 4ª ed.- Rio de Janeiro-RJ: Editora Vozes, 1989.

ROGERS, Carl Ransom. Torna-se Pessoa. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. Campinas-SP: Autores Associados, 2008.- (coleção educação contemporânea).

STEINER, R. O Método Cognitivo de Goethe: Linhas Básicas para uma Gnossologia da Cosmovisão Goethiana. Trad. Bruno Callegaro e Jacira Cardoso. 2. ed. Atual. São Paulo: Antroposófica, 2004.

CAPÍTULO VII - TRABALHANDO COM A DINÂMICA ‘VIDA 360” PARA ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS (LÚCIO MUSSI JÚNIOR)

TRABALHANDO COM A DINÂMICA ‘VIDA 360’ PARA ESTIMULAR O DESENVOLVIMENTO DOS ALUNOS

Lúcio Mussi Júnior

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho apresenta uma dinâmica conhecida como “Roda da Vida”, mostrando como ela pode ser aplicada aos estudantes. Tal atividade se mostra capaz de levar o praticante a repensar suas atitudes, valores e postura frente as várias áreas de sua vida.

Deste modo busca-se confrontar os resultados obtidos atualmente pelo indivíduo com aqueles que se pretende alcançar. A dinâmica também destaca os pontos mais críticos, servindo como um guia de prioridades a serem trabalhadas.

Deste modo, o trabalho com a dinâmica leva o aluno a uma expansão de consciência, bem como da reflexão com relação aos esforços a serem despendidos na busca por uma vida mais equilibrada e satisfatória em todos os aspectos.

DESENVOLVIMENTO

É preciso partir da premissa de que somos todos iguais no que nos torna humanos e nossas particularidades só tendem a facilitar a estruturação social. A partir deste ponto de vista é possível perceber que a vida em sociedade não seria possível se todos os seres humanos fossem iguais, assim, o respeito mútuo pelas diferenças deve ser estimulado e trabalhado na formação do cidadão.

Deste modo, fica em evidência a necessidade de a escola ser capaz contribuir positivamente na formação de indivíduos conscientes que respeitem respeito os demais e seja capaz de exigir o mesmo respeito para si.

Outro ponto a ser enfatizado está pautado nas formas de comparação. A competitividade da vida moderna e a informatização e as redes sociais acabam estimulando os indivíduos a uma vida de comparações. Neste âmbito, o aluno se compara ao colega, o professor por vezes também se compara aos demais docentes e, de modo geral o ser humano acaba sempre se comparando aos demais indivíduos com os quais convive. Seguindo esta linha de raciocínio, algumas empresas até mesmo elegem o “funcionário do mês” (ou do ano), buscando homenagear de alguma forma aquele que foi “melhor” que seus colegas.

Não se questiona aqui a importância de valorizar o esforço de cada indivíduo que, através de um trabalho diferenciado alcançou resultados melhores. Também é preciso entender que, em alguns casos, é preciso ranquear ou classificar pessoas de acordo com a capacidade demonstrada na execução de alguma tarefa. Contudo, é preciso destacar, sobretudo às crianças e jovens, que a comparação deve ser em primeiro lugar com si mesmo. Neste sentido é preciso entender que a pessoa deve comparar seus resultados obtidos hoje com os que obtinha no passado, para assim perceber se está progredindo ou não. Deve, desta mesma forma comparar os resultados que é capaz de obter hoje com os que deseja alcançar no futuro e, deste modo saberá se está no caminho certo para a concretização de suas metas, bem como perceberá uma eventual necessidade do desprendimento de mais esforços ou de mudanças de atitude.

Assim, fica evidente que, quando um indivíduo se compara com outro, sua meta ser melhor que esse outro em algum aspecto. Caso consiga, então o dever foi cumprido e não é preciso se esforçar mais. Caso não consiga, poderá se frustrar e desistir. Frente a esse problema, a melhor opção é estimular os alunos a serem o melhor que puderem e, cada uma no seu ritmo e a sua maneira, conquistará seu lugar na sociedade.

A RODA DA VIDA

Está dinâmica leva o praticante a fazer uma autoanálise através de uma ferramenta muito utilizada atualmente por profissionais ligados ao desenvolvimento humano: a “Roda da Vida”.

Esta dinâmica consiste em elencar as principais áreas da vida humana e ajudar o indivíduo na identificação das áreas mais carentes de atenção, para que se possa encontrar o equilíbrio e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida.

Buscamos adaptar a roda da vida apresentada por Rhandy di Stéfano em seu livro “Manual do Sucesso Total”, de modo que você possa fazer uso deste recurso de forma rápida e prática.

Após o exercício trazemos dicas para fortalecer cada uma das áreas estudadas.

Para melhor visualização em telas de dispositivos eletrônicos, transformamos a roda nas duas tabelas a seguir.

10	10	10	10	10
9	9	9	9	9
8	8	8	8	8
7	7	7	7	7
6	6	6	6	6
5	5	5	5	5
4	4	4	4	4
3	3	3	3	3
2	2	2	2	2
1	1	1	1	1
Família	Amor	Social	Lazer	Saúde

10	10	10	10	10
9	9	9	9	9
8	8	8	8	8
7	7	7	7	7
6	6	6	6	6
5	5	5	5	5
4	4	4	4	4
3	3	3	3	3
2	2	2	2	2
1	1	1	1	1
Carreira	Finanças	Intelectual	Emocional	Espiritual

De posse das duas tabelas que, juntas, apresentam dez importantes áreas da vida de todo o ser humano é preciso ser extremamente sincero e marcar uma nota de 1 a 10 para cada área de sua vida, sempre lembrando que, quanto maior seu nível de satisfação com sua realidade atual, maior deverá ser a nota atribuída.

Se você imprimiu esta página, marque x nos números. Caso contrário escreva a áreas e as respectivas notas em um papel ou dispositivo eletrônico para que se possa fazer a análise posterior.

Na página seguinte temos as orientações básicas a serem passadas para os alunos para facilitar a atribuição das notas, bem como melhorar os resultados obtidos a partir da dinâmica.

- **Família:** vocês se entendem? Conversam? Discutem? Se divertem juntos? Se ajudam? Quanto melhor o convívio com seus familiares, maior a nota.

- **Amor:** existe reciprocidade entre vocês? Preocupação um com o outro? Momentos felizes? Brigas? Caso não esteja em um relacionamento amoroso, de uma nota com relação a sua satisfação em estar sozinho no momento.

- **Social:** pense em seu convívio com as pessoas de fora de sua família. Você tem facilidade ou dificuldade para interagir? Gosta de estar em locais públicos ou foge das pessoas? Tem mais amigos ou inimigos?

- **Lazer:** você se diverte? Faz coisas de que gosta? Ou só pensa em trabalho? Ou passa o tempo livre em frente à TV ou outro dispositivo eletrônico?

- **Saúde:** você descansa o suficiente? Se alimenta bem? Faz exercícios físicos regulares? Está bem fisicamente?

- **Carreira:** gosta de seu trabalho? Sente-se bem com o que faz? Está satisfeito com sua remuneração? Caso você apenas estude, pode classificar sua vida estudantil aqui nesta área, já que o trabalho do estudante é estudar.

- **Finanças:** suas contas estão em dia? Tem mensalmente o dinheiro suficiente para manter suas despesas? Pule esta área caso seus pais cuidem de toda essa parte.

- **Intelectual:** costuma ler? Pesquisar? Aprender coisas novas?

- **Emocional:** está emocionalmente equilibrado? Perde a paciência com facilidade? Sente muita tristeza, medo ou raiva?

- **Espiritual:** como está se relacionando com sua espiritualidade (com sua fé seja ela qual for)? É importante destacar que este item não se refere à forma como você cumpre os protocolos de sua religião, nem tampouco se está seguindo alguma religião. Trata-se da forma como você se relaciona com sua fé e com o que é sagrado para você.

Estas respostas servem para enfatizar como você está em cada área de sua vida.

O ideal, para uma melhor qualidade de vida, é que se busque o equilíbrio. A seguir são apresentadas algumas dicas para que se trabalhe o fortalecimento das áreas apresentadas como mais críticas ao final da dinâmica.

Neste momento é preciso mostrar aos estudantes que cada um tem o poder de mudar a sua vida e, gradativamente, chegar no padrão desejado.

FORTALECENDO AS ÁREAS COM PONTUAÇÃO BAIXA

“Comece fazendo o que é necessário, depois o que é possível, e de repente você estará fazendo o impossível.” (São Francisco de Assis). Essa frase expressa em pormenores a forma como se deve organizar as atitudes para que se alcancem as mudanças pretendidas. Não é possível fazer tudo de uma só vez ou de um momento para o outro. Então, inicia-se pelo que é mais urgente, sempre seguindo em frente rumo à meta completa.

Família!

A Sociologia vê as famílias como as células fundamentais da sociedade. Embora a estrutura familiar dos brasileiros tenha sofrido diversas alterações nas últimas décadas, ela continua e continuará desempenhando um papel de base em nossa organização social.

Segundo Gandhi, “Você deve ser a mudança que você quer para o mundo.”

Se você busca mudanças por parte das pessoas que convivem contigo, deve primeiro vivenciar a mudança em você mesmo.

Perceba que cada indivíduo de uma família tem suas particularidades e o que traz satisfação a um, pode trazer desconforto a outro. São justamente esses conflitos de interesses que geram desavenças.

Buscar um meio termo que possa contentar (ao menos parcialmente) os envolvidos é sempre a melhor opção.

Para Gisela Valin (terapeuta e youtuber) em parte das famílias não é possível que os indivíduos compartilhem muito de seus sentimentos. Para ela, existem diferenças energéticas, culturais e de valores, que devem ser respeitadas. Se enfrentar dificuldades de interação com um (ou mais) de seus familiares, respeite a individualidade dele (e a sua) e quando estiverem em contato, busque focar em assuntos sobre os quais vocês concordem. Não se

deve tentar mudar o outro e nem tampouco mudar de opinião só para agradar ou evitar conflito, mas é preciso ser diplomático(a) buscando evitar discussões infrutíferas.

Uma questão de grande importância no quesito família é a relação entre pais e filhos.

Frente a problemas nesta relação, os filhos(as) devem procurar um entendimento para além das ordens dadas por seus pais, buscando ver o sentido real, a motivação que leva o pai ou a mãe a darem uma determinada ordem. Na maioria das vezes o filho, ao buscar a motivação do fato, acaba percebendo que por trás da “implicância” existe a preocupação com seu bem-estar e seu futuro.

Já as mães e pais devem entender que revolta e rebeldia são reações naturais quando a pessoa se sente pressionada. Neste caso é preciso perceber que a revolta não é com a pessoa da mãe ou do pai e sim contra a figura de “chefe” que tais pessoas estão representando.

Uma boa prática, nestes casos, é a criação de “normas da casa” para que todos sigam, assim já fica determinado de antemão o que os filhos podem ou não fazer. Isso diminui a ansiedade de ter que decidir tudo em cima da hora.

Outro ponto importante é a necessidade de os pais refletirem antes de se posicionarem frente a seus filhos, só dizer “não” se realmente for preciso. As vezes os pais se acostumam a dizer “não” para tudo. Isso é muito ruim, parece perseguição. Mas quando tiver que dizer “não”, seja firme e mantenha a calma mesmo que seu filho (ou filha) se descontrole. Discussões descontroladas diminuem a autoridade dos pais.

Blanchard em seu livro “O gerente minuto” afirma que uma chamada de atenção não deve ultrapassar um minuto. Segundo o autor, quanto mais longa é uma repreensão, mas enfadonha e menos eficiente ela se torna. Ele ainda afirma que você deve elogiar em público e repreender em particular.

“As pessoas esquecerão o que você disse, as pessoas esquecerão o que você fez. Mas elas nunca esquecerão como você as fez sentir.” Carl W. Buehner

Amor!

O ponto forte desse quesito é entender que existe uma pessoa nesse mundo com qual você deverá passar todos os dias de sua vida. Sua felicidade depende de encontrar essa pessoa.

Sim, essa pessoa é você mesma(o). Se pode fugir do mundo inteiro, mas não se consegue fugir de si e nem tampouco de sua consciência.

Deste modo, o primeiro passo é encontrar a si mesmo. Procure entender suas ações, o que as motivam. Entenda o que te faz sorrir e o que te faz triste.

Primeiro encontre a felicidade dentro de você! Mas se a tristeza prevalecer, busque ajuda (Psicanalista, Psicólogo, Psiquiatra...). Não se deve tentar sofrer sozinha(o).

Uma outra questão a ser destacada é o fato de ninguém ter o poder ou a obrigação de fazer outra pessoa feliz. Uma jornada a dois só será plena se os cônjuges forem felizes juntos. Ser feliz com o que se tem e compartilhar esta felicidade, talvez esse seja um dos segredos.

Os estudiosos de Física Quântica afirmam que pensamentos geram emoções, emoções geram energia e a energia atrai mais energia que vibre na mesma frequência.

De acordo com essa teoria, uma pessoa que está angustiada ou sentindo solidão só atrai mais angústia e solidão. É preciso focar no amor e não na falta dele. Se procura um bom relacionamento, se deve pensar que a qualquer momento ele vai acontecer.

Contudo, precauções precisam ser tomadas para que o excesso de empolgação não impeça que a realidade seja enxergada, ainda que essa realidade não seja a esperada. Algumas atitudes demonstram possessividade e não amor. Observe sinais de agressividade, indiferença, narcisismo, entre outros. Se uma pessoa não se preocupa quando você sofre, ela definitivamente não gosta de você.

Nesse caso, é preciso sair da relação o quanto antes. Faz-se necessário cuidar de si, melhorar como ser humano e, conseqüentemente, se relacionar com pessoas melhores.

Fechando esse tópico, destaca-se que, cada ser humano tem o poder de amar ou odiar alguém ou alguma coisa. Embora tal prática possa ser perigosa, deixar algo tão importante sem controle pode ser ainda pior.

Quando se foca nos defeitos de uma pessoa (preferencialmente em coisas que te irritam) a tendência é que ache cada vez mais defeitos até que o convívio se torne insuportável. É como uma auto hipnose. Se focar nos pontos positivos, que agradam, certamente começará a encontrar muitos outros pontos positivos e a tendência é que se ignorem os pontos negativos.

Isso vale para todos os tipos de relacionamentos (amoroso, familiar, profissional...).

Recomenda-se, portanto, a busca por ver a realidade, composta de lado bom e o ruim, qualidades e defeitos. de cada um. Afinal todos somos humanos.

Social!

A questão do convívio social envolve em primeiro lugar a aceitação. Aceite que a outra pessoa pode ser o que ela quiser, desde que isso não prejudique mais ninguém além dela mesma.

Se uma pessoa se comporta como um “idiota”, ela tem todo o direito de ser um idiota e as outras pessoas têm o direito de evitar o convívio com ela. Não é preciso confrontar.

O problema é quando você não pode evitar o convívio. Nesse caso é importante ser o mais superficial e profissional possível. Tentar não se envolver com os comentários da pessoa e não aceitar que ela invada sua privacidade.

Claro que na prática pode ser complicado o entendimento, mas é necessário ser diplomática(o) e firme.

Lazer!

Esta é definitivamente uma parte boa da vida que muita gente negligencia. Seres humanos precisam mudar um pouco o foco. Quando se foca só em trabalho (ou estudo) o rendimento da pessoa cai gradativamente.

Passear, se divertir, jogar (de maneira saudável), ter contato com a natureza, se dedicar a um hobby... tudo isso é importante para o cérebro e para o equilíbrio emocional.

Saúde!

Grosso modo, pode-se dizer que a manutenção da saúde física e mental de um indivíduo dependem principalmente de três fatores:

- alimentação;
- atividade física;
- descanso.

Cuidar da alimentação, praticar atividades físicas regulares e reservar o tempo suficiente para o descanso, tais práticas formam a base para uma boa saúde e a melhoria da qualidade de vida.

Carreira!

Algumas correntes filosóficas afirmam que cada ser humano no planeta traz consigo um objetivo específico. Uma tarefa que busca cumprir na sociedade. Desta forma, os que encontram e desempenham sua tarefa, vivenciam a verdadeira realização profissional e dão o melhor de si à sociedade.

No entanto, Bob Proctor afirma que a sua renda varia de acordo com 3 fatores:

- o quanto a sociedade necessita do trabalho que você desempenha;
- o quão bem você desempenha seu trabalho;
- a dificuldade que existe em te substituir.

Alberto Dell'Isola, um dos mais renomados hipnoterapeutas brasileiros, destaca a importância do indivíduo desempenhar uma atividade laborativa que lhe traga satisfação para a manutenção de seu equilíbrio psicológico.

Steve Jobs mencionou em um de seus discursos que as pessoas deveriam olhar no espelho pela manhã e perguntar a si mesmas: - Se esse fosse meu último dia de vida, faria o que vou fazer hoje?

Ele afirma que se a resposta for negativa por vários dias seguidos, então algo precisa ser mudado.

Contudo, podemos afirmar de maneira geral, que um cidadão brasileiro, hoje, possui uma liberdade relativamente satisfatória para escolher a profissão que lhe seja mais adequada. Inclusive mudar de profissão, mesmo depois de inserido no mercado de trabalho.

Portanto, se não está satisfeito, mude. Mude de emprego, mude de profissão se preciso, mas mude. Procure uma atividade que lhe traga satisfação, uma atividade que lhe traga a remuneração de que necessita, uma atividade com a qual possa sentir que está contribuindo com o funcionamento da sociedade.

Neste sentido, mostra-se importante que o a escola e, principalmente os professores, sejam capazes de levar aos estudantes o conhecimento necessário para fazerem suas escolhas de forma consciente.

Finanças!

Embora as finanças de uma pessoa tenham certa ligação com sua carreira, ela depende muito mais de como se gasta o dinheiro do que da quantidade de dinheiro que se ganha.

Não importa se se um indivíduo recebe um ou 50 salários-mínimos por mês, se ele gastar mais do que ganha estará se endividando e suas finanças estarão desequilibradas. Lembre-se também de que, quanto maior for sua renda, maior será sua capacidade de endividamento.

Não importa qual seja sua renda, você deve equilibrar receita (o dinheiro que entra) e despesas (o dinheiro que sai). Só assim terá equilíbrio financeiro.

Caso seu dinheiro esteja insuficiente para fazer o que precisa ou deseja, o problema está em um dos dois pontos a seguir (ou nos dois): está gastando demais ou seu emprego (ou profissão) não gera a renda de que necessita. Nos dois casos, mudanças são necessárias.

Intelectual!

A ativação da área intelectual relaciona-se bastante com cultura. Seria a leitura de bons livros, ouvir boas músicas, ter contato com todo o tipo de arte.

Ao ler você melhora o raciocínio, amplia seu conhecimento, aumenta seu vocabulário, melhora sua fala...

Ao apreciar um quadro ou uma escultura a pessoa sente emoções novas, conhece novos pontos de vista, ressignifica conceitos e valores.

Conhecendo novas culturas expandimos nossa consciência.

Emocional!

O estado emocional de uma pessoa afeta diretamente todos os aspectos de sua vida e se mostra mais impactante sobre nossos relacionamentos interpessoais.

Estar equilibrado emocionalmente não significa aceitar com mansidão tudo o que acontece (e que fazem) a nossa volta, ao contrário, significa não perder a razão (e a paciência) apesar do que acontece (e fazem) a nossa volta.

Se você acredita que estando “nervoso” estará mais preparado para um conflito, tente resolver uma equação matemática em um momento em que esteja “vermelho” de raiva.

O IBC (Instituto Brasileiro de Coaching) destaca 5 sintomas de desequilíbrio emocional:

- 1- Problemas para se concentrar.
- 2- Irritabilidade: as situações adversas o irritam de um minuto para outro.
- 3- Insônia: começa a aparecer dificuldades para dormir e sono sem qualidade.
- 4- Descontrole: desencadeado pela irritação, impede a pessoa de agir com razão e as decisões passam a ser guiadas pela emoção do momento.
- 5- Dores: aparecem dores sem explicação.

Algumas dicas importantes:

1- Tente filtrar o que é realmente importante e ignorar o resto. Se alguém próximo quer agir como um idiota, isso é direito dele. Não tente concertar o mundo, você nem sabe se está certo mesmo.

2- Procure separar o máximo possível o trabalho da vida pessoal. O que acontece na empresa é problema da empresa e deve ser resolvido lá (no horário de trabalho).

3- Respeito e amor são os pilares da relação familiar. Respeite sua família e não aceite desrespeito por parte deles.

4- Não leve ofensas e indiretas pelo lado pessoal. Na maioria das vezes os ataques são para a função que você ocupa e não para sua pessoa.

5- Descanse e se alimente bem. Também tenha lazer, hobbies... até as máquinas têm limites.

6- Sim, contar até dez respirando fundo também ajuda.

7- Ao fim do dia pense em suas atitudes. Você pode ser o que quiser, até mesmo um tirano. Mas se foi um, mesmo se esforçando para ser diferente, procure ajuda profissional.

8- Entenda que nada é eterno, muito menos seres humanos. Sempre chega o momento em que carros, casas, posição social, poder... tudo perde o sentido. Os sentimentos e as memórias são tudo que os seres humanos realmente possuem.

Espiritual!

Certamente este é um dos temas mais polêmicos. Entretanto, não há motivo para preocupação. Não se trata de uma discussão acerca de religião. O foco é a espiritualidade, independentemente de qual religião um indivíduo segue, ou mesmo caso não siga religião alguma.

Deste modo, se mostra relevante apenas o fato de o indivíduo estar buscando com seriedade expandir sua consciência. Assim, a questão é se um ser humano chega ao final do dia e se questiona sobre o que fez de realmente bom para o mundo e se vai fechar os olhos como um ser melhor do que aquele que os abriu pela manhã. Se você respeita o próximo e suas crenças assim como procura que te respeitem e respeitem suas crenças. Se você consegue olhar para uma criança e enxergar uma criatura que precisa de educação, mas também de amor, respeito e cuidado... então está cuidando de sua espiritualidade.

Complementando, apresenta-se o pensamento de Chagdud Tulku: "Se alguém precisa de religião para ser bom, a pessoa não é boa, é um cão adestrado."

Esta frase pode parecer estranha em um primeiro momento. Mas tente pensar que uma pessoa que necessita de um guia lembrando-lhe a todo instante de como deve proceder, então essa pessoa não sabe fazer o bem, apenas segue ordens.

CONCLUSÃO

A partir do presente trabalho fica evidente que a dinâmica “Vida 360” ou “Roda da Vida” é uma importante prática capaz de melhorar o nível de autoconhecimento dos praticantes, bem como aumentar a consciência sobre a responsabilidade que cada ser humano tem com a estruturação de todas as áreas de sua vida.

Mostra-se, portanto, como uma prática transformadora que pode ser utilizada de forma altamente satisfatória com a maioria dos estudantes.

Contudo, se faz importante destacar que o docente, antes de aplicar a dinâmica a seus alunos deve fazê-la, para entender de forma mais completa a atividade, preparando-se para dar um suporte mais completo aos estudantes.

REFERÊNCIAS

DIAS, Elsa Oliveira. Natureza humana. PEPSIC. 2006. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302005000200006

CARVALHO, Talita de. Intolerância religiosa. Politize. 2018. Disponível em: <https://www.politize.com.br/intolerancia-religiosa>

MAISTRO, Suelen. Sentimentos e Emoções: as diferenças entre eles? Portal MãoPop. S.d. Disponível em: <https://maepop.com.br/sentimentos-e-emocoes-2/>

MUSSI, Lúcio Júnior. Vida 360º. ISCI Livros. Sinop. 2020. Disponível em: http://www.isciweb.com.br/livros/images/vida_360.pdf.

OLIVEIRA, Roseli Santos de. As emoções, os sentimentos e suas diferenças: funcionamento do cérebro. Jundiá Agora. 2021. Disponível em: <https://jundiagora.com.br/as-emocoes/>

PAULO, Nelson de. O que são sentimentos e emoções? Diferenças, emoções primárias e mais! Portal SA. 2021. Disponível em: <https://sonhoastral.com/articles/4025>

PROENÇA, Gabriella. Padrão de vida: você vive de acordo com a sua renda?. IDinheiro. 2021. Disponível em: <https://www.idinheiro.com.br/financaspersonais/padrao-de-vida>

ZILBERTEIN, Jacqueline. Parecer ser: uma etnografia sobre a cultura juvenil, a Educação Física e a escola pública. UFRJ. 2016. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/149060/001003961.pdf?sequence=1&isAllowed=y>



ISBN 978-65-87333-19-9